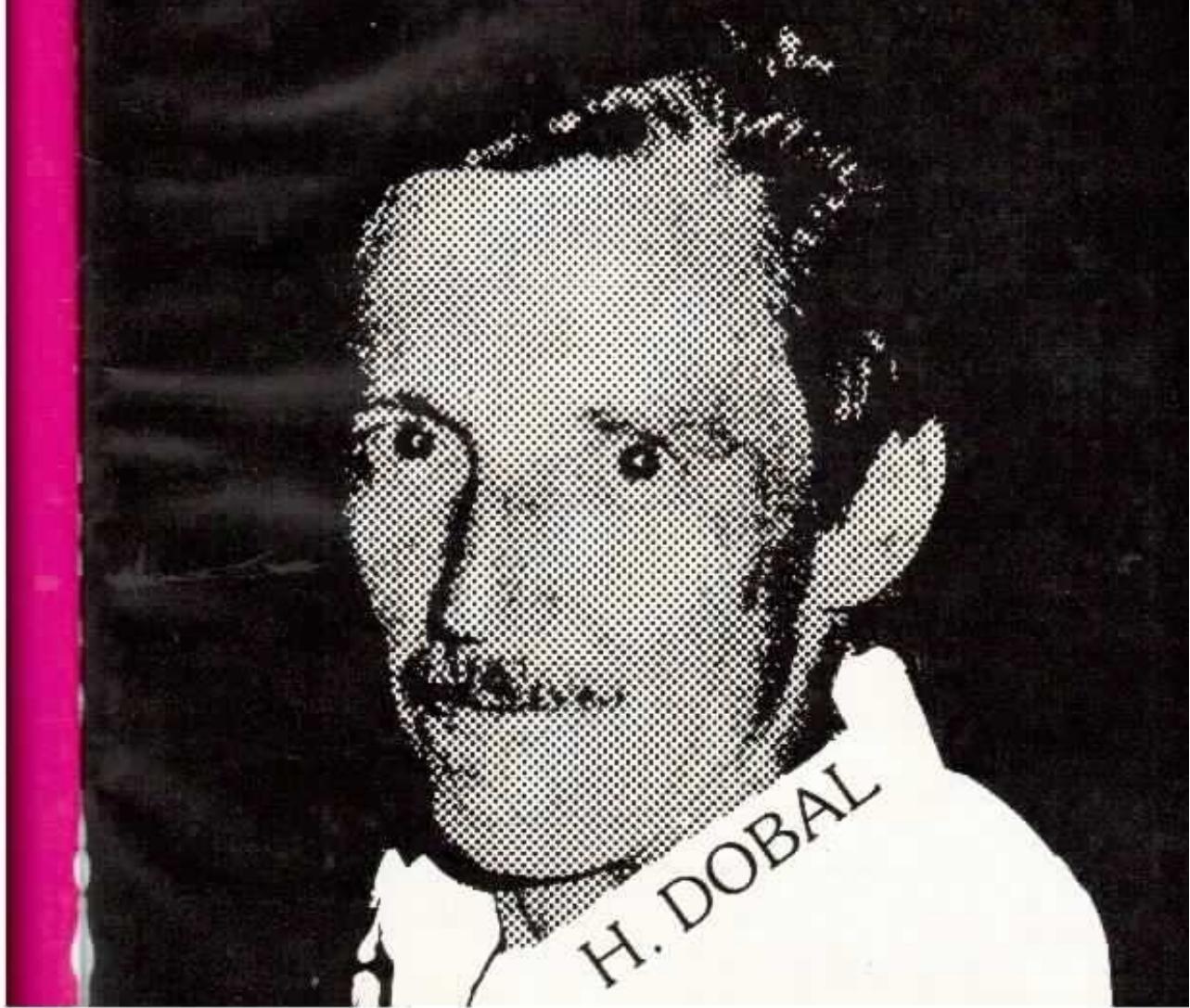


ÓRGÃO DA SECRETARIA DA CULTURA DO EPIAVI
ANO III - N° 6 - DEZEMBRO-FEVEREIRO / 1983

RESENÇA

O SALMO DO HOMEM SOZINHO



SISTEMA DE CONTROLE E PRESERVAÇÃO DO MEIO-AMBIENTE É IMPLANTADO NO PIAUÍ

Está funcionando na Fundação CEPRO um grupo de trabalho voltado para a implantação, no Piauí, de um sistema de controle e preservação do meio-ambiente.

Esse grupo de trabalho deverá oficialmente funcionar como suporte técnico ao Conselho de Ciência e Tecnologia, que passará a denominar-se Conselho de Ciência e Tecnologia e do Meio Ambiente. O grupo terá a função de acompanhar a problemática do meio ambiente no Piauí, identificando as ocorrências que não atendem aos parâmetros ambientais desejáveis. Analisará os projetos de instalação de indústrias ou outras fontes poluidoras, estabelecendo condições de funcionamento, realizando estudos para o controle e melhoria da qualidade ambiental e a coordenação de programas, projetos e atividades ligadas à conservação do meio ambiente, visando sempre ao manejo ecológico dos recursos naturais.

A equipe já realizou o cadastramento das entidades cujas atividades se relacionam com o meio ambiente, e vem atuando na área de acompanhamento de projetos de destilarias e usinas de açúcar implantadas no Estado. Já foi aprovado, a nível de SUDENE e de Estado, o Projeto de Capacitação Técnica e Instrumental, elaborado pela equipe. O referido Projeto visa a equipar o órgão de materiais de laboratório, necessários para atender à realização de análise de amostras de água e identificação do grau de poluição das mesmas.



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO

PRESENÇA

Órgão Oficial da Secretaria
da Cultura do Piauí

Governador do Estado
Lucídio Portela Nunes

Secretário da Cultura
M. Paulo Nunes

Presidente do Conselho
Estadual de Cultura
Benjamim do Rego Monteiro Neto

Editor
José de Ribamar Oliveira

Conselho Editorial:
Cinhas Santos
O. G. Rego de Carvalho
Paulo Machado
Renard Krael

Secretária
Odélia de Jesus Nunes Carvalho

Direção
Atu. final
Fernando Costa

Fotografias:
Alcides Filho
Secom/PI

Foto Composição
Washington Luis

Colaboradores:
Wilson de Andrade Brandão

Francisco Miguel de Moura
Herculano Mornes

Raul Christiano Sanchez

Isidênia R. P. Santos

Gilbert Chaudanne

Dodô Macêdo

Arnaldo Albuquerque

George Mendes

Clóvis Mintra

H. Dobal

Assai Campelo

Albert Piaui

Lapi

Coentro

Rutemberg

William Melo Soares

Wilton Santos

Claudio

Aureliano Müller

Relação

Av. Miguel Rosa, 3.300/Sul
64.000 Teresina - Piauí

A direção da revista não se
responsabiliza por conceitos e
opiniões emitidas em artigos
assinados.

EDITORIAL

PRESENÇA

ARIMATHEA TITO FILHO ABRE O VERBO

"A ACADEMIA É UMA
EMPRESA DE PRODUÇÃO
LITERÁRIA"

"NO BRASIL NÃO HÁ
UNIVERSITÁRIO
HERALDO CERCIANO"

"QUESSO OCULAMINHA
CINCO! PIGARINHA
COPONALISMO DE
LARANJAS, VAIÔNCIA
E ACREDITAMOS
QUE APENAS NÓS TEMOS
VALORÍDIA"

"OS ESTUDOS NÃO
MARCHAM
QUATRO MARROM
CHAMANDO DA CRACO"

MANOEL
O VENTO PERDE



No Piauí, em termos de
cultura, as coisas têm que ser
compreensivamente tentadas.

Bemou que se editasse um
novo número da revista Presença -
publicação que se encontra
desalinhada com seu público gráfico
renomado e conteúdo de matérias
diferenciado, num esforço de
abrangência de potencial cultural
piauiense, para que esta publicação
se firmasse como iniciador dos
mais acreditados da quadra de
nossa evolução literária e artística.

Neste número, Presença
procura espelhar as mais diferentes
manifestações da cultura piauiense -
a poesia, a ficção, o ensaio, a
memorialística, as artes plásticas, o
desenho, o cartoon, a arte popular
dos sertões nordestinos.

Torna-se assim a revista, no
momento atual, a mais significativa
premessa da cultura piauiense e sua
inscrição no quadro da cultura
brasileira.

Destacam-se sobremodo, no
número que ora se edita, a
entrevista do escritor e jornalista, A.
Tito Filho, Presidente da Academia
Piauiense de Letras, instituição das
mais almejadas em nosso meio
cultural, sobre o momento atual nas
letras piauienses, além do marcante
depõimento de H. Dobal sobre a
genese de sua poesia.

Queremos também nela incluir
ligeira apresentação sobre o Projeto
Pirojá, que apresenta, a nível
estadual, uma proposta de
interação entre educação básica e
os diferentes contextos culturais.

DODÓ MACEDO



SUMÁRIO

SALMO DO HOMEM

SOZINHO



Em *Salmo do Homem*, Sozinho H. Dobal, numa grande lição de vida, mostra que, apesar de tudo, gosta desta peleja em que está sendo derrotado, em que todos nós seremos derrotados.

PÁGINA 10

GERAIS



Nas Gerais, o leitor poderá se deleitar com resenhas de livros, ensaio sobre Torquato Neto, viagem ao dicionário, por Dodô Macêdo. Além de abrir discussão com George Mendes.

PÁGINA 48

ENTREVISTA:

A. TITO FILHO

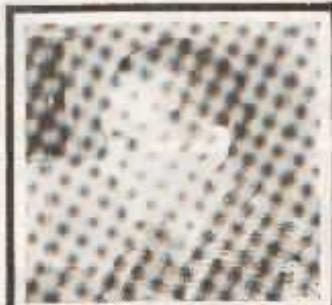


Na entrevista concedida à Cinéas Santos, Arimatéa Tito Filho abre o verbo, se explica, fala e denuncia os erros e os acertos do Hospital de Letras.

PÁGINA 18

CULTURA: UM

MOVIMENTO VIVO E
CONSTANTE



Em *Cultura: Um Movimento Vivo e Constante*, um balanço do que foi feito durante a administração do secretário Mário Paulo Nunes. Nunca se fez tanto em tão pouco.

Páginas

PÁGINA 28

CAMINHOS DA CULTURA

BRASILEIRA



Pelos *Caminhos da Cultura Brasileira*, de Wilson de Andrade Brandão, certos traços que a marcaram são postos à mesa para uma deglutição Oswaldiana, naquele jeitinho bem macunaíma do nosso nativo.

PÁGINA 15

O TRONCHO E O

AÇUCARADO



Torcendo o nariz dos puristas da arte popular, as imagens de santos penduradas em qualquer casa nordestina que se preze são, aqui, analisadas sob vários aspectos por Gilbert Chaudanne.

PÁGINA 24



ARNALDO ALBUQUERQUE



DEPOIMENTO

FOTO ALCIDÉ FILHO



H. DOBAL

SALMO DO HOMEM SOZINHO

Sou piauiense de Teresina e vivo em Brasília há vários anos. Tendo vindo do Rio, onde passei grande (talvez a melhor) parte da minha vida, e depois das dificuldades iniciais, posso dizer que hoje estou à vontade em Brasília, levando-se em conta que aqui nunca perdemos de todo a sensação de que somos transeuntes apenas. Transeunte numa cidade sem ruas.

Trabalho no Ministério da Fazenda desde o Rio, desde o Piauí. No Rio a minha janela dava para a baía de Guanabara e a visão do porta-aviões "Minas Gerais" balançando no azul-golfo, que de

Amanhã de dia,
com os nossos
criados coitados
no reino da multidão
leva seu nome sua corme
sua pedida sua vida
e a não sabida
hora de morte

longe era muito bonito, me levou a um poema. Em Brasília, no início, a minha janela dava para uma corrente de cimento permanetemente cerrada, o que me fazia lembrar sempre a minha condição de burocrata. Também, deu poema.

Hoje faço parte de um tribunal administrativo e dou avisas. Não há janelas por perto

Fiz uma tentativa de recrutar poeticamente o Piauí. Afinal esta é a minha matéria, a paisagem rural e humana, os costumes, os mitos, o sofrimento, a solidão. Aí só me prendem não só as razões do nascimento, mas também razões atávicas, razões de antigos criadores de gado. Estão na massa do sangue, assim como o samba está no sangue dos carnavalescos da mangueira ou da Portela.

CAMPO MAIOR

As campinas de verde plana
tudo alquevede de cerâmica
As planícies das tabuleiros
São transformadas tão de repente
num vasto verde num planalto
campo de flores e de fotografias

Alcos boeves preparamo-nos
de noite e matem. Alcos boeves
ameiçocados na várzea longa.
cabeças d'água do Saramim.
um clássico perido dos animais
no clube das vidas e das mortes.

Al campos de craca. Fazendas
de rumba sózinho onde outros
nada bambos da lente. Al lendas
famadas pelo truque. Al anticípios.

O TEMPO CONSEQUENTE

TEMPIRICA

Não foge o tempo ao que lhe cabe. Bem
as suas nuances sólidas sólidas.
transmuta seu gênero em fascínio. E
exige mais do que a brasa do fogo
que só se põe se estampa.

Considerando o épico como uma participação ativa do poeta na vida, todo o primeiro livro, "O Tempo Consequente", seria um livro dentro desta classificação, uma vez que trata de lugares, de coisas, de pessoas para quem o próprio ato de viver lá era um heroísmo. Dentro do livro, particularizando, temos a anedota humana do velho Lernardo de Nossa Senhora das Dores Castelli Branco, cuja vida era em si mesmo uma epopeia, isto é, uma série de ações heróicas.

O DIA SEM PRESSÁGIOS

A HÓMARA

Gloriosamente retumbante,
sou desde manhã o seu ruído seu ruído do
mundo
vai secando em nós. Temeiros
sou peles de fogo sua bela roupa

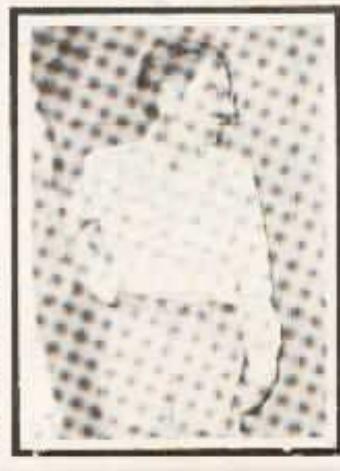


FOTO ALCIDÉ FILHO

uma luminância de um mundo sem horrores
Confabos na bontade

Os elementos temáticos de compreensão que marcam "O Dia Sem Presságios" são os fatos do nosso tempo - a pilula, a bomba, os transplantes, o LSD - numa linguagem que se prende direta à atual. Eu tinha a impressão de que estávamos perdendo a capacidade de presságios, em face de tantas mudanças. Mas talvez estivesse errado, a recrudescência do misticismo, a descoberta das religiões orientais, os ecologistas alarmados, mas necessários, talvez demonizarem (indiquei) que eu estava errado.

A PROVÍNCIA DESERTA

O VERÃO

Quando a poesia do verão começo
a ser cego e desentranha o caminho
ao fundo de do poeta e do leitor
mude seu sonho e sólido se entendeu

Quando a tarde arranca e juntada
ao sol sobre o céu o céu das encruzilhadas
ela dura horas de solitário esquecimento
na terra seca e sombra das palmeiras

Quando o medo trata-se desidioso
a lucidez de Pôr do Sol
cansa de longe ressentindo a sede

quando o homem e os outros amores se
fechavam
pedindo à poesia e ao silêncio o fogo
da sede seca, e muda da seca

Compear lembranças,
transformá-las num mito poético,
num símbolo que resistisse ao
tempo, primar essas emoções
estéticas em um exercício máscaro
para o qual as forças do poeta se
mostravam inadiquadas. Restou
assim um Alles modesto
corregendo em altorres invisíveis
uma província que não existe mais.

A SERRA DAS CONFUSÕES

Tendo vivido num mundo
ao cheio de pequenos
acontecimentos, o poeta julgou ter
conseguido um razoável
conhecimento da experiência

humana. A vida, como a Serra das Confusões, é para muitos um acidente geográfico. E essa denominação é uma metáfora perfeita, mais aplicável à própria vida do que a uma montanha deserta. E, nesse desfile de figuras e tipos de uma pequena humanidade, não é preciso destacar as razões pelas quais foi realizado o lado mais divertido.

A CIDADE SUBSTITUÍDA

N

No foi o caso de fazer
poemas sobre a terra dos outros. Ia
tão bem cantada e decantada. A
final o objeto do amor da um poeta
passa a ser parte do seu patrimônio
afetivo. O drama da destruição
leita de uma cidade histórica é um
impacto para qualquer pessoa
sensível. Em São Luís do
Maranhão os sinaleiros do tempo são
marcantes. Além disto,
circunstâncias pessoais me levaram
a escrever esse luto - lamentoção e
denúncia.

P

Dessa seca e
anti-lírica". São dois fracos
assinalados por alguns que
comentaram os meus poemas.
Prefiro pensar que é uma poesia
enutra. E me considero um lírico a
meu modo.

O AMANTE MADURO

O amante descaldo culto de tanto
o amante maduro. Seus casais de tanto
cumpre no jardim
de quem só o delírio separa.



E sózinho e triste, emoldando a amarula
entristece a tarde. Quando vemos
o longe distante os vossos olhos negros
negados à noite. E a amarula
em queles jardins sabecês de sono
capirozuit os sonhos. E, contudo,
merdem.

Qualquer livro, principalmente livro de poesia, é um começo de ilustração do autor. O que não quer dizer que o autor de muitos livros se conte um *jivan muicita*, um literato vivo. Como escritor, ninguém se libera intensamente de certos temas, de preocupações que distinguem o trabalho de cada um. No meu caso, são temas do *Plan*, de poesia brasileira, portanto.

Li muito Bandeira e Drummond. Lles desenroçaram os poetas novos, pois já disseram quase tudo o que se tem a dizer. Li



também M. no da Andrade, um poeta líquido, uma fonte permanente.

Li muito os poetas ingleses e também os americanos.

Gosto de antologias. Não tenho prejuízo de "cabecura". Gosto mais de poesia do que de determinados poetas.

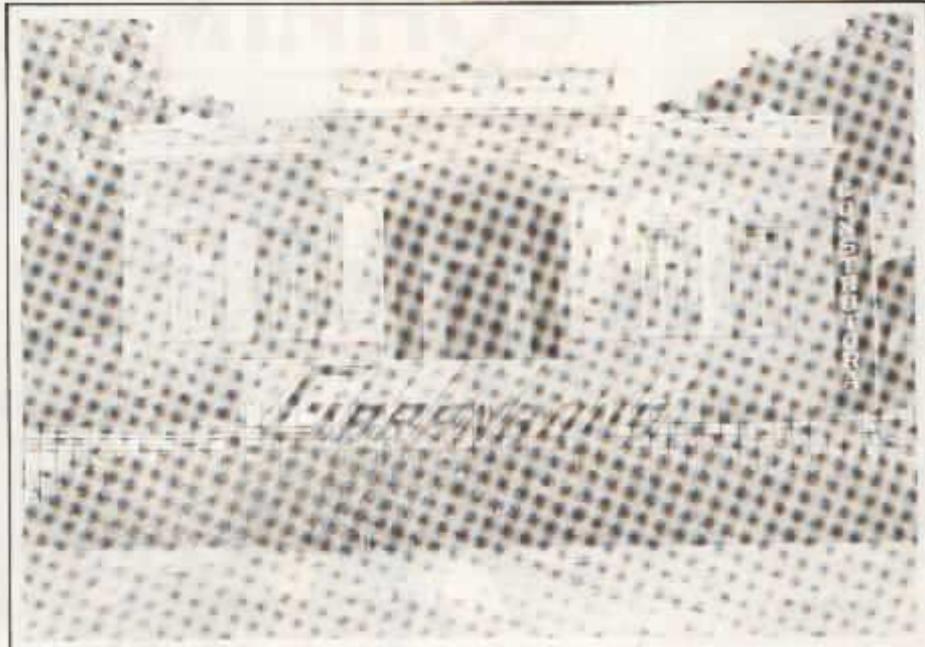
Não há muito o que dizer de mim: sou como queziam que Fernando Pessoa fosse: caido, cotidiano, fútil e insignificável. Entenda-se: fútil não no sentido de frívolo, mas de insignificante. E atescante-se: com filhos.

Sou grato aos meus amigos (Por exemplo, a Odília Costa, filha, que sempre me incentivou; e a Lucélia Porela, que me salvou a vida). Sou grato a todos os que me deram lições da vida. E por lastim em vida: quais de passageiros, de pessoa, de sorte. Sobretudo gosto desta longa paixão em que estou, sendo imortalizado, em que todos nós seremos derrotados.

DODÓ MACEDO



Av. Frei Serafim, 2235 — Telefone 222-8917



**COMPRA E VENDA DE
IMÓVEIS.
CONSTRUÇÃO
DE CASAS RESIDENCIAIS
COM FINACIAMENTO
ATRAVÉS DA
CAIXA
ECONÔMICA FEDERAL**

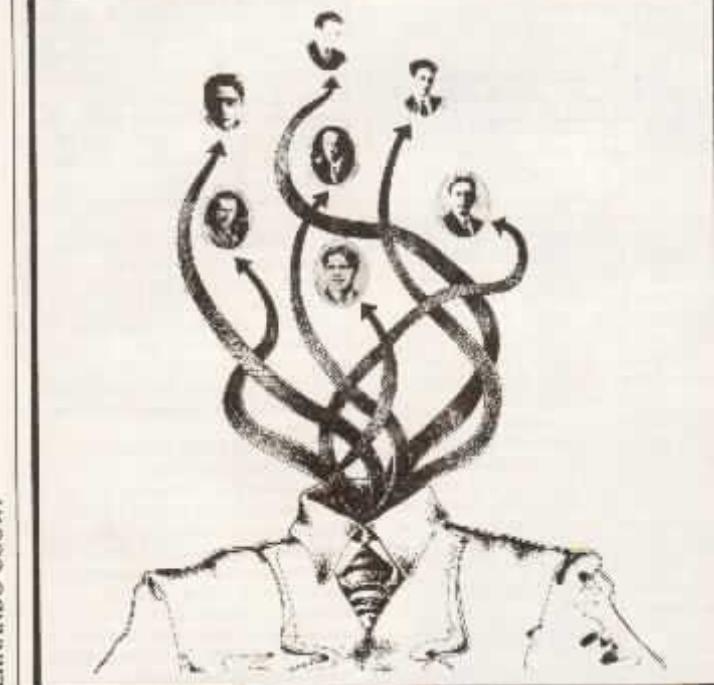
GARRANHUNS
CONSTRUTORA IMOBILIÁRIA LTDA

ARNALDO ALBUQUERQUE



BIBEIÓ

CAMINHOS DA CULTURA BRASILEIRA



FERNANDO COSTA

Certos traços, que marcaram a formação da cultura brasileira, ainda persistem muito. Infelizmente, definem o nosso próprio perfil. A constância desses caracteres fundamentais, ao longo de uma história de quase quinhentos anos, levou Fernando de Azevedo a observar que o que

WILSON DE
ANDRADE
BRANDÃO

distingue o brasileiro "não é a penetração, nem o vigor, nem a profundidade, mas a facilidade, a graça, o brilho e a rapidez no desfilar, a ausência total de exatidão e de precisão, o hábito de tomar as coisas obliquamente... e de lhe apontar os aspectos que falam menos à inteligência do que à sensibilidade". Salienta o autor de *A Cultura Brasileira* que "todas as dimensões dessa cultura verbalizada, escoletizada, dogmática, que heredamos dos portugueses e se infiltrou ate a medula no ensino de todos os coisas, não revelam menos uma inteligência fraca do que uma inteligência mal criada... e, portanto, capaz, como se o seu privado de se destacar, sob uma nova orientação, em todos os domínios da literatura e das artes, como da técnica, da ciência e do pensamento nôo".

Os aspectos da cultura brasileira, assim consolados, resultam a ausência de um período de elaboração espontânea da nossa vida espiritual. A condição de colônia, duramente imposta, torna o Brasil o menor receptáculo de tudo o que lhe manda a Metrópole. Foi o instrumento dessa escravidão é o sistema educacional dos padres, inflexível, obscurante. Por mais de dois séculos, até sua expulsão, com 17 colégios e seminários, afastou os seminários mentores, inúmeras escolas de ler, escrever e contar, 25 residências e 36 missões, são os jesuítas os nossos quase exclusivos educadores, exímios fazendeiros de clérigos, leitores e eruditos. Quando cessaram as atividades da Companhia, o ensino passa à escola régia e à escola particular em concorrência com os carmelitas, beneditinos e franciscanos. O nível da instrução é baixa, extraoficialmente. Mas o método e os objetivos continuam os mesmos, à base da gramática, da retórica e da poética. A procura de expressões mais vastas e mais profundas do saber, ministra-se também o estudo da filosofia, então mero exercício de escolástica, e como espécie de aperfeiçoamento das disciplinas. A ciência, naturalmente, não encontraria lugar nesse círculo.

Essa escola, que lembra em tudo a escola medieval, desempenha papel essencialmente conservador de valores estabelecidos, sem oportunidade para a sua criação ou renovação. E, na verdade, a escola portuguesa

Implantada no Brasil, sem compromissos com a realidade circunstante. E o tipo, que forja, com inteligência hábil e destra, desprovido da espírito positivo, vai brilhar lá fora, como portador de uma cultura erudita, de cunho deliberadamente livreiro, vazia e ornamental, que, segundo ressalta um dos nossos críticos, "refluiu a validade do individual, mas em nada concorda para a comunidade". E como essa escola pretende ser o "laboratório" único de educação no País, coadjuvado pela família patrícia já organizada e pelo púlpito, a literatura se torna a expressão por exceléncia de nossa cultura.

A importância e validade atribuídas às "colinas literárias" a que, afinal, se reduzem todas as atividades da intelectualidade, não são simples ato de vontade do colonizador. Procedem de raízes imprecisas, encontradas na estrutura econômico-social do País, que distingue entre o trabalho manual, que não nobreza, e as atividades do espírito, que dignificam o homem. Por isso, como escreve Sérgio Buarque de Holanda, "o exercício das qualidades que ocupam a inteligência sem ocupar os braços, tinha sido expressamente considerado, é em outras épocas, como pertinente aos homens livres e nobres, de ond, segundo parece, o nome de liberais dando a determinadas artes, em oposição às mecânicas que pertencem às classes servis". Essa concepção justifica que os torneios, em geral, constituindo artes, surgiu nas camadas sociais inferiores, sejam mal vistos e desprezados, ainda que se trate de um Antônio Fernandes Rodrigues ou de um gênio como o Alemão.

No topo das "olvidades do espírito" está a literatura, filha legítima do ócio. Sua produtividade, acumulada em séculos, é copiosa de imóveis europeus, ou, mais especieiramente, portugueses, com momentos de verdadeira enaltecida. Por outro lado, forma encyclopédia de cultura, prestes-se à fruição de seus próprios artifícies, ou de reduzido círculo de pessoas. Nasce e termina na cípula social. E nos seus extremos limites não se contém a chamada literatura oral, da origem popular, espontânea e livre, cuja colta e estudo esperariam por Sócio Romero, no fim de olhos.

Por estranho que possa parecer, a cultura brasileira de hoje

ainda apresenta alguma rica herança: que lhe vem dos primeiros tempos. Continuemos a querer e admirar o talento, o fulho, a beleza de forma [...], apesar do sentido novo, de aspirações culturais e de coesão social resultante da urbanização e reurbanização do País. Nos acostumarmos a desigualdade da distribuição dos bens de toda sorte, inclusive dos bens culturais. E isso nos torna espiritualmente frágeis, sujeitos a influências externas, que interferem nocivamente em nosso processo cultural, às vezes até em prejuízo de identidade nacional de nossas produções mentais. No domínio das artes, da literatura, da ciência e da filosofia, a "revolução brasileira", através de episódios, que num sempre atingem as profundezas da alma coletiva, vai-se desenvolvendo sempre sob a inspiração imprecisa de ideias e movimentos desfigurados em outras terras e outros povos.

Não fuge a essa tradição o modernismo, sem dúvida a fase mais significativa de nossa evolução. Ao contrário das transformações isoladas, que motivaram as escolas anteriores, inclusiva, até certo ponto, o romantismo, esse movimento se estende a todas as áreas da vida nacional. Nos seus pródomos, todavia, está Oswald de Andrade, vindo da Europa com o futurismo de Marinetti e o verso livre de Paul Fort, está Mário Bondeira, intimamente ligado a Paul Flandrin, estão Lacer Segall e Anita Malfatti, com as suas exposições "européias", e a revista Juso-brasileira Orfeu, de Ronald de Carvalho e Luís de Montalvo, ostensivamente tutelado por nomes ilustres do Velho Mundo. Assim, os grandes inconformados, demolidores impunitamente dos valores antigos, "não tinham mais que uma mensagem europeia a transmitir na Semana de Arte Moderna. Até então o sentido de nacionalidade é muito difuso. E o que se pretende, manifestamente, é a substituição de uma estética por outra - o parnasianismo de há muito degradado pelos modelos avorocasamente lançados na Europa. Quando se exulta o modernismo propriamente dito, por volta de 1930, sobre as cinzas do passado virtualmente destruído, sobrevêm poucas obras, entre elas a mais ruidosa e ainda hoje incompreensível Macundismo, um filo de forma equivoca, que

inventaria o mais irreal dos personagens da nossa literatura.

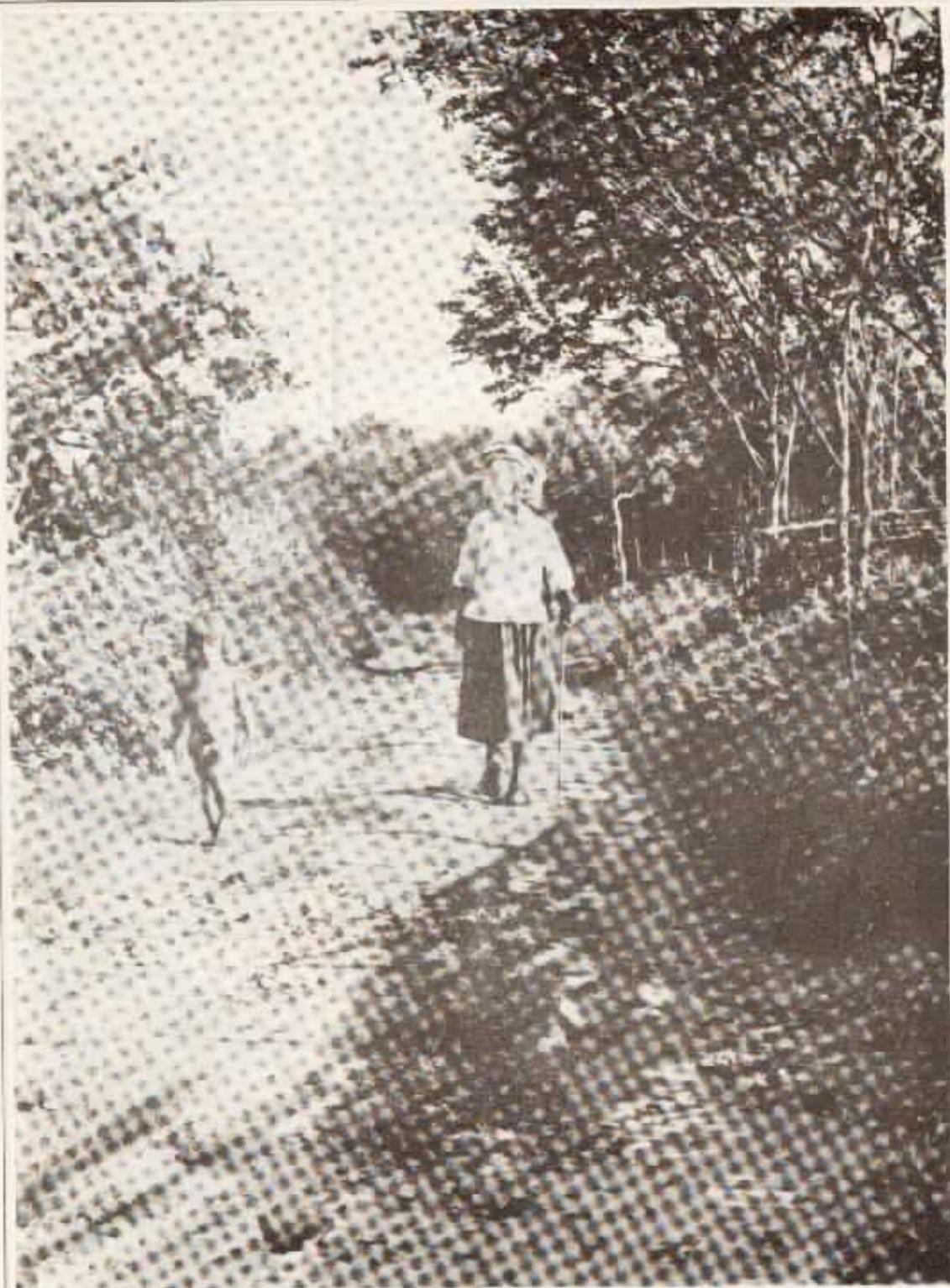
Entretanto, se a ortodoxia modernista não nos leva a esperada produção, é indiscutível que formula princípios básicos, que transcendem as contingências estéticas, para consubstanciar a concepção de vida do brasileiro contemporâneo. A poesia, a ficção, a arte plástica, a música dessa época juntaram expressão muito menor do que sentiram os seus autores. Os anseios desmedidos de iconoclastia impressionaram muito mais do que o frêmito interior de verdadeira criação. Mas o que perdura, através de sucessivos desdobramentos das idéias iniciais, é precisamente essa fé, que vale por uma mensagem intira: Geramente se vê no modernismo o antíntero protesto coletivo nos tentores do passado. Esse protesto, porém, importaria apenas em escaramuça intelectual, se não pressupusessem nela a vontade de independência mental de uma nação. E é essa mistica de liberdade, sob expressão nova - da liberdade de que se pode usar até para errar, que pereniza a escola como um esforço de democratização da sociedade brasileira.

E sumamente grato verificar que amadureceram povo e governo, agora aliados para a consecução de tarefas comuns. Entendem um e outro que a educação é processo de transmissão e reconstrução da cultura, compondo este o ambiente e o material em que a primeira se exerce.

Assim, vistos os problemas fundamentais da cultura, desapareceram as dificuldades e as deformações, que desnaturalizaram as soluções procuradas. De fato, se o meio cultural é o habitat do homem, em que, necessariamente, nasce, vive e morre, cabe à educação, formal ou informal, integrá-lo a cada instante e em todos os sentidos. A consequência inexcusável desse trabalho, intencional e permanente, é constituição de uma sociedade solidária, com oportunidades iguais a cada um de seus membros, e a edificação de uma vida coletiva plenamente satisfeita no destino do homem.

* Wilson de Andrade Brandão, ex-Secretário da Cultura, membro da Academia Piauiense de Letras, autor de vários livros e ensaios.

ASSAÍ CAMPELO



ENTREVISTA

A. TITO FILHO



FOTO ALCIDÉ FILHO

Autor de trinta livros publicados, sócio honorário de associações, academias e institutos espalhados por todo o Brasil, o Presidente da Academia Piauiense de Letras (seis mandatos), Prof. Arimatéia Tito Filho, pode ser definido como um intelectual em constante atividade, embora se considere apenas "um grande leitor".

Nesta entrevista, A. Tito Filho, que já foi denominado "latifundiário da Cultura piauiense" fala de suas múltiplas atividades em Teresina.

Cineas - Da leitura de O PIRRALHO e outras publicações da época, fica-nos a impressão de que o senhor foi um jornalista combativo, um poeta irreverente, um humorista ferino para com os ditos do poder. O que o levou a transformar-se numa espécie de monumento vivo da cultura oficial do Piauí?

A. Tito Filho - De fato, houve transformações em determinadas circunstâncias da terra piauiense. Você certamente era muito criança, talvez não se lembre, mas naquela época a nossa imprensa se fazia por

jornalistas que expressavam gratuitamente, mas por alegria, e os jornais agasalhavam as missas diárias, as missas polêmicas, as nossas lutas. Depois, a imprensa passou a ser aquela que só há algum tempo, surgiu incutida. Hoje, os tempos precisam de capital de clientes para que possam manter-se. Nos dias que contam, só a gente escrever críticas ao governo. As autoridades em si mesmo e certos costumes da vida social, ninguém as publicaria. Discordamos, no que diz respeito à expressão "monumento vivo da cultura oficial". Somos apenas um grande leitor com muita pena, como você deve ter dito, de mim, autorizado que a nossa coluna vivesse quando eu estivesse consciente de sua existência. Nós, que seus apêndices culturais, por falta de leitura intensiva, o nosso novo reino norte-americano tem excesso de literatura. Nem mesmo o Brasil é responsável pelo grande caos que o jornal também causa muito pouco às classes populares, que não podem mais transformar a realidade. São ricos, com dezenas de "monumentos vivos" de coisa alguma. Como o *Pirralho*, que é só uma máquina gráfica. Aquando governo, quando nobres ricos jovens, velhos quando nos procuram, apontando-lhes os melhores caminhos para a escritura dos trabalhos que produzem, sem cobrança de um vintém de pessoa alguma.

Cineas - Quando esteve em Teresina, o escritor José Cândido de Carvalho concedeu-nos uma entrevista, onde afirmava que a Academia Brasileira de Letras "era um repôsitorio de glórias oficiais". De certa forma, todas as academias são conservadoras, o que, em princípio, é incompatível com o papel do escritor, ser criador, transformador da sociedade onde vive e, consequentemente, revolucionário. O que levaria, portanto, um escritor, em plena atividade, a entrar para uma academia?

A. Tito Filho - Antes ca-

DEVE HAVER UMA CENSURA CULTURAL?

responde à sua pergunta: gostaríamos de dizer que, para algumas pessoas, escrever um livro de ficção todos querem ser escritor e assim há o perigo de uma biblioteca. Entendemos que deve haver uma censura cultural; não uma censura ao modo de pensar do escritor, mas uma censura à respeito da que se publica. Temos recebido críticas de livros que excedem a inteligência do homem. Mas, respondendo à pergunta inicial, citaremos Marcuse, filósofo comunista, que admite em sua análise da sociedade industrial que ela se governa por três forças, em primeiro lugar, a força econômica, em segundo, a força política e, em terceiro, a força de inteligência.

meio hostil, de intrigas, de invejas, de hipocrisias, e tudo vai derrotando o artista que chega ao ponto da acumulação. Ningém repudia as ideias; mas se acomoda às normas de força das ditaduras reais ou aparentes. No tocante às academias, podemos olhar o seguinte quadro: quando novo, o escritor é anticadernício por natureza. A propensão em que ele envelhece, busca os assentos, mas porque, ao cabo de contas, elas existem, em virtude do próprio bafado oficial, proteção a quem já se sente deserdado da sorte. Isto é um exemplo frívolo na Academia Piauiense, eleito, um companheiro nosso, no dia seguinte, nos diários: Professor Arimatéa, gente que nunca me cumprimentou na vida passou a me cumprimentar! Então, a academia é uma espécie de poltrona comoda.

despcionam com tão pouco tempo de luta, porque, na realidade, nada se consegue contra as barreiras imensas. Imagine a luta de um escritor para vencer as editoras manobradas por altas figuras do mundo financeiro do país e, às vezes, por interesses estranhos à própria literatura nacional, ou subsidiadas com dinheiro da nação. O certo é que as academias necessitam da ajuda oficial para que sobrevivam. Vejamos o caso da Academia Piauiense de Letras: quem paga o aluguel da casa onde funciona a academia é o governo. Quem dá algum recurso para a

O SUJEITO COMPRA UMA CERVEJA MAS NÃO COMPRA UM LIVRO.

FOTO ALCIDÉ FILHO



Mas ele admira, também, que a clique econômica influencia outros cliques. De forma que os nossos escritores começam revolucionários, começam com o protesto contra a ordem social existente, contra os governos, mas depois eles se alienam. Vamos citar aqui o caso do Jorge Amado que começou fazendo literatura revolucionária de levar o seu próprio país à realidade: um país que vivia e vive do carnaval. Depois, Jorge Amado mudou, embora desconheçamos as razões da mudança. Há necessidade, por parte do escritor, de sobrevivência e, para sobreviver, ele deixa de protestar. Você fala de escritor oficial, nós não disfamos isso. Disfamos que o escritor vive num

A ACADEMIA É UMA ESPECIE DE POLTRONA COMODA

As academias não exercem papel revolucionário porque, de modo geral, interessam nelas escritores com liderança intelectual, nunca econômica, política ou militar. No Brasil não há escritores revolucionários, pois as nossas revoluções nascem em quartéis, escritor só faz revoluções se escreve mensagens para esse fim com leitores conscientes, e no Brasil ninguém, lá ninguém. Muito se malha. É verdade que, às vezes, os novos, nesse seu direito tão bonito de protestar, de não consentir, de forçar as portas, os novos se

Academias? O governo, porque a coletividade, como você sabe, vive de clubes, de almoços, de jantares, de cervejadas, de furtinhas, de superfluidades. Aqui, o sujeito compra uma cerveja por duzentos cruzados, mas se recusa a gastar duzentos cruzados com um livro. E note que as academias, nos seus estatutos, são consideradas órgãos cooperadores da cultura nas áreas em que atuam.

Checa - Já que o senhor afirma que as academias são "órgãos cooperadores" da cultura, como o senhor explicaria a omissão da Academia Piauiense de Letras no que diz respeito aos erros, mais ou menos frequentes, nas provas de Comunicação e Expressão dos vestibulares do

Piauí? A Academia não deveria manifestar-se?

A. Tito Filho - Acontece, Cineas, que isto é uma doença nacional. Nós temos súbito tristíssimos: quando ocupamos um cargo, ficamos empanturados de gratidão, vaidosos, e acreditamos que apenas nós temos a verdade. Quando achamos que um professor não está seguindo o bom caminho e damos palpite a fim de que ele entre menos, o mestre se aborrece, passa a antipatiar conosco, às vezes a odiar-nos, por isso nos eximimos de crítica.

Cineas - Bem, mas não seria uma coisa pessoal; seria uma instituição que tem compromisso com a cultura, a Academia Piauiense de Letras, a tratar com outra instituição, a Copeve, que tem o dever de elaborar provas pelo menos aceitáveis, certo?

A. Tito Filho - Muito bem, creio-nos num ponto: houve época em que o Jornal "O Dia" publicava todas as provas do vestibular do Piauí. Resolvemos analisar minuciosamente uma dessas provas e concluímos que, em virtude das opções equívocas, o candidato podia assimilar elas, ou simplesmente nenhuma, pois não havia clareza ou havia ideias confusas nas questões. Seria preciso, portanto, que se mostrasse publicamente os erros e os equívocos para consentir no processo. Uma vez fizemos observações sobre a prova de português da Universidade, com certa covardia, porque não as assinamos. Remetidas ao magnífico reitor da Universidade Federal do Piauí, nunca soubermos do resultado. Ao tempo do reitor Ulhoa, pelo rádio, fizemos severas críticas à Universidade e ao processo vestibular, em 1972. No Piauí, tudo se joga às costas da Academia Piauiense de Letras, que nunca tomou um testemunho empréstado a ninguém, principalmente ao estrangeiro. Se a Academia é órgão cooperador da cultura, ela não pode intervir em exames vestibulares no Arroio de Pindura Seta, quanto mais numa Universidade oficial. A Academia colabora quando é chamada. Entenda-se este fato.

Cineas - Em verdade, a Copeve, no que diz respeito a essa questão, tem-se comportado como se não fosse um órgão público, isto é, um órgão mantido com o dinheiro público, pois ignora olimpicamente a opinião da comunidade que a mantém.

FOTO ALCIDÉ FILHO



A ACADEMIA COLABORA QUANDO É CHAMADA

Nunca a Copeve se dignou a discutir com professores, jornalistas as provas que elabora ou manda elaborar.

A. Tito Filho - É a posição do magister dixit. Nós ainda estamos nessa fase de que a autoridade tem a verdade suprema. É tão elegante reconhecer o erro, corrigi-lo e agradecer a quem nos orienta, mas o certo é que o meio em que vivemos contribui muito para isso. Há um episódio ilustrativo: certa feita, o então governador Alberto Silva nos convidou a escrever uma História da Literatura do Piauí. Na época, o nosso querido O. G. Rêgo de Carvalho chegou a declarar que não tínhamos competência para tal empreitada. O. G. Rêgo tinha lá suas razões para não julgar incompetentes. Você pode achar que uma pessoa é competente ou não, uma questão de ponto de vista pessoal. O certo é que recusamos o trabalho porque em cada família do Piauí há um poeta, um romancista, um escritor, um orador. Nós fizemos como o saudoso José Pinheiro que escreveu uma literatura piauiense com mais da metade de científicos, juristas, parlamentares. Se se escuecem essas figuras, as consequências estarão em óbitos e malquerimentos. Isto decorre da cultura cultural do meio. Assim, quando criticamos, mesmo de leve, a autoridade ou o escritor piauiense, conquistamos inimigos letrados. Recebemos, em

vez da compreensão, agressões e xingamento.

Cineas - Mas isso não deve ocorrer com o senhor que, pelo que tenho lido, costuma ser até excessivamente generoso com os escritores que lhe pedem prefácio. O senhor não acha nocivo esse tipo de "incentivo", uma vez que alimenta a vaidade de escritores mediocres?

A. Tito Filho - É verdade. O que acontece é o seguinte: isto é terra tão sem estímulos que nos sentimos desencorajados a desestimular quem se inicia. Um livro, uma poesia, um pensamento que se escreve vale um filo espiritual muito tanto. Então, qual o pai que gostaria de ter um filho chamado de feio, de alegado? Procuramos, pois, incentivar a quem escreve alguma coisa. Não fazemos elogios derrotados, tanto que acontece uma coisa que muitos não observam: quando não lemos nada que diverge do livro, falamos do autor, da pessoa, dos seus traços humanos, dos seus sentimentos; no final, alguma referência ao livro, acentuando o esforço do autor, a sua simplicidade, sem que destruam os seus desejos e pretensões. Achamos que o melhor caminho para educar é o caminho do afeto, do querer bem.

Cineas - Mas ai não haveria o perigo da cumplicidade? Explique: o escritor sem talento e sem experiência, pode entender o seu "incentivo" como um aval, uma espécie de "atestado" de validade do livro.

A. Tito Filho - Isto já aconteceu entre nós com um moço chamado Licurgo de Paiva. Licurgo foi um poeta romântico, mas tendendo ao parnasianismo. Houve lá um poema dele sobre a canção, sobre o balle, proibido de ser declamado publicamente em Teresina. Licurgo estudava direito no Recife e publicou uma poesia num jornal pernambucano, Tobias Barreto, deus maior da cultura da época, elogiou a poesia de Licurgo. Foi o suficiente para que o poeta se desleixasse no curso de direito. Entregou-se à boêmia, passou a embriagar-se constantemente, veio embora para Teresina, formou-se Ário e acabou morrendo de tanto beber. Quer dizer, destruiu-se, em virtude de um elogio. Nossa atitude, porém, não revela "cumplicidade", antes boa vontade, atitude amiga, para que não se destrua um sonho, uma vocação, ou até uma futura consagração. Quantos escritores famosos se



A DECLARAÇÃO DO PROF. MACHADO LOPES NÃO CORRESPONDE À REALIDADE RACIONAL

faziam pelo incentivo. Martins Nápolo costava ce incentivava os bons alunos. Hodiogava os que comiam dravagem interesse pela cultura, pela redação, e desprezava os despeitos do estudo, os indisciplinados. Alunos que se negavam o consentiam a fazê-lo para destruir. Quantas vocações se perderam ou não se formaram em virtude da cultura destrutiva?

Cineas - Há pouco tempo, o Prof. Machado Lopes, Presidente da Copeve, declarou numa entrevista que os estudantes das provas dos vestibulares do Piauí exploravam pouco a literatura piauiense, porque ela é muito polida. O senhor concorda com isso?

A. Isto é falso - A declaração do Prof. Machado Lopes não corresponde à realidade racional, porque assim teríamos que eliminarmos da terra o próprio Piauí, que é muito bonito. E prenho fruta, também, quando esse ideal de pobreza ou de alquidéria numa literatura. Eu acho que a literatura do Piauí não é pobre nem é rica, ela é o que é, uma moderna, diferente do que é, uma vez que não tivemos na passada concrícipes no Piauí para que surgissem grandes documentos literários. As raízes são malhas; a falta de comunicação com os grandes centros, o isolamento. Ainda em 1937, o que se lia em Teresina?

Huiuno Cunha publicava, Celso Pinheiro lia; Celso Pinheiro publicava, Huiuno Cunha lia. Que livros circulavam em Teresina? Pinheiro Chiapas português, com um desses livrinhos de saraus familiares. "História é ciência Mar", Celso Pinheiro Branco e os seus romances passionais, e mais uma coleçãoinha denominada "Lira Mar e Ar"; um pouco de Júlio Verne, mas ainda assim para um público muito resumido, José de Alencar e Mendes, tudo para os jovens filhos de desembargadores, conversadores, amigos comerciantes, amigos funcionários. A história do nosso bairro é a história de uma aldeia ruralista que lá de milha e meia comentava a leitura na mesa do café, dia seguinte. Nossa literatura é o resultado do trabalho de pessoas alegreiras, verdadeiros heróis, como Andréa Nunes, patuapirama, a pintar sobre sem memória, Ferminio Castelo Branco, o da "Lira Sertaneja", não tinha nem ao menos de uma esconditaria a famosa, a milha e meia versão. Embora com arrojo, cujas todas as coisas literárias se cultivaram no Piauí. Ninguém pode encarar a literatura de um Martins Nápolo, uma poesia de aço, clássico, extraordinária. Oceano Newton de Freitas, morreu aos vinte anos, abriu charme na poesia piauiense, cultivando temas do modernismo, e os escritores dos nossos dias? Que Machado Lopes inventou? Não é que temos só machados poderosos jazer. Lá hoje, nossa literatura já se vai tornando nacional.

Cineas - Em sua opinião, que tipo de contribuição a Universidade Federal do Piauí trouxe ao quadro geral da cultura piauiense?

À UNIVERSIDADE CABERIA O PAPEL DE IMPULSIONAR A CULTURA

A. Isto é falso - A universidade caberia o grande papel de impulsionar a cultura, mas ela pouco exerce esse papel. As causas são várias e não sabemos explicá-las. Talvez as autoridades pudessem nos dizer as razões pelas quais não se adota o relevante papel que lhe cabe na difusão cultural. Creemos que falta de recursos financeiros. Entre nós ainda há a impressão generalizada de que cultura é armazém.



AQUI AS COISAS COSTUMAM NASCER SEM UMA PLANIFICAÇÃO

conhecimento: sujeito que sabe muito se ele como cachaça. Precisamos de carênciação à cultura do Piauí, porque os nossos processos culturais são quase desconhecidos. Noventa por cento dos piauienses não sabem comer. Muitos podem comer, mas não sabem. Alimentam-se de comidas conservadas. Cacumba e Universidade conscientizam o povo sobre nossos processos culturais. Se a Universidade se propõe a formar profissionais competentes, ela precisa, antes de tudo, de conscientizar os da maioria cultural onde atua. Pensamos que as Universidades, as Secretarias de Cultura, as Academias, os Institutos, as UBES devem trabalhar conjuntamente no sentido de estudar processos culturais brasileiros. Gasta-se dinheiro com tanta folice; e as coisas fundamentais são relegadas a segundo plano. Mas setor a setor que a Universidade do Piauí, os seus setores, e mestres têm prestado valiosos serviços à nossa gente.

Cineas - O Plano Editorial do Amazonas, através da Secretaria da Cultura daquele Estado, publicou um grande romance "Galvez, O Imperador do Acre", revelando Márcio Souza nacionalmente. O Plano Editorial do Piauí publicou mais de 30 obras e não revelou nenhuma.

Qual a contribuição verdadeira do Plano Editorial do Piauí para a literatura piauiense?

A. Tito Filho - Aqui as coisas costumam nascer sem uma planificação, aliás, defeito nacional. O Plano Editorial do Piauí nasceu de uma idéia do jornalista Armando Bastos, que gravava desses cometimentos culturais. Muita gente pensa que fomos nós o idealizador desse plano. Quando ele se criou, ao menos nos ouviram. Na época, pensamos além em proibir porque o decreto que criou o Plano dizia que o governador nomearia um membro da Academia Piauiense para integrá-lo, sim, que o governo tivesse essa faculdade; podendo pedir a cooperação da Academia, mas nunca nomear um acadêmico. Mas como da polêmica ou da contestação nada se lutararia, era melhor ajudar calando. Cremos que o Plano nasceu sem nenhuma orientação. Seis meses depois de criado, ainda não havia resultado prático. Por esse tempo tivemos consulta e fomos franco. Sugermos que se corrigesse pelos mortos, porque com os vivos, se provocariam culões, pedidos de apadrinhamento, o que seria negativo para o Plano. Fizemos ver que muitos tinham livro pronto, enquadradão, e cada qual desejava publicá-lo com prioridade. Adiantamos que as exceções poderiam ser feitas com os que estavam empenhados em escrever a história do Piauí. Houve aprovação. Dos vivos se editaram obras de Odilon Nunes, Moisés Castelo Branco Filho, Carlos Porto Padre Chaves, historiadores. Dos mortos, umas trinta e seis obras. Fizemos ainda inúmeras correções no mapa histórico dos governos republicanos. Escrivemos um livrinho de registro, sem comentários, dos governantes do Piauí, o único trabalho nosso publicado pelo Plano, e não quisemos direitos autorais. Ao longo dos anos o Plano sofreu algumas modificações. Agora o governo devia abrir espaço para os novos, projetando-se as suas obras de valor. Cuidar-se-lá de criar na Comepi um departamento exclusivamente para a publicação de autores piauienses. A Academia tem publicado alguma coisa. Agora mesmo o MEC liberou verba de um milhão de cruzados para a edição de livros. Juntamente com o Prof. Paulo Nunes, tentaremos atrair bons autores para que bem se aplique a verba.

Cineas - Que tipo de critério a Academia utiliza para escolher os autores que edita?

A. Tito Filho - Em primeiro lugar, a oportunidade; em segundo lugar, o custo educativo da obra, embora seja romance, conto, novela ou crítica, pois todos educam, quando prestam. Evitarmos publicar livros que possam provocar polêmicas, inconvenientes. Editamos livros opináveis e de finalidade educativa. Agora mesmo saiu O ADMIRAVEL PLDRO BRITO, de vários autores, resgatando do esquecimento uma das figuras humanas mais apreciadas da vida piauiense. Pedro Brito foi um grande amigo do povo, um homem a quem se podia recorrer sempre e que encontrava a palavra amiga, o conselho certo. Com isso, fizemos justiça à sua memória, prestando um grande serviço à cultura piauiense.

O VERDÃO ABERRA E INSULTA

Cineas - Em mais de uma oportunidade, o senhor se declarou "uma amante de Teresina". Publicou pelo menos dois livros, A CRÔNICA DA CIDADE AMADA E TERESINA, MEU AMOR, reforçando o que antes afirmara. Todavia, me permita a franqueza, não percebo em sua obra maior empenho em defender, preservar determinados valores essenciais a Teresina, como sua ecologia, o perfil arquitetônico da cidade e tantas outras coisas que estão a reclamar cuidados imediatos. Como "amante" da cidade, o senhor não se sente na obrigação de se engajar nessa luta?

A. Tito Filho - Cineas, a gente desalento. Praticam-se tantos crimes contra esta cidade, contra o seu urbanismo, procuram deformá-la por todos os meios, e gritamos no céu, protestamos junto a conselhos morais, e neste ponto se chega no desalento. Não é mais possível que Teresina suporte o mercadão que ali está, uma nódoa na paisagem da cidade, sob todos os pontos de vista. Aquilo ofende o trânsito, ofende a higiene, ofende a personalidade, fazem neuróticos, polui. Repare a deformação que se faz com a construção do Palácio da Fazenda. E o Verdão? O Verdão aberra e insulta. Tanto lugar para

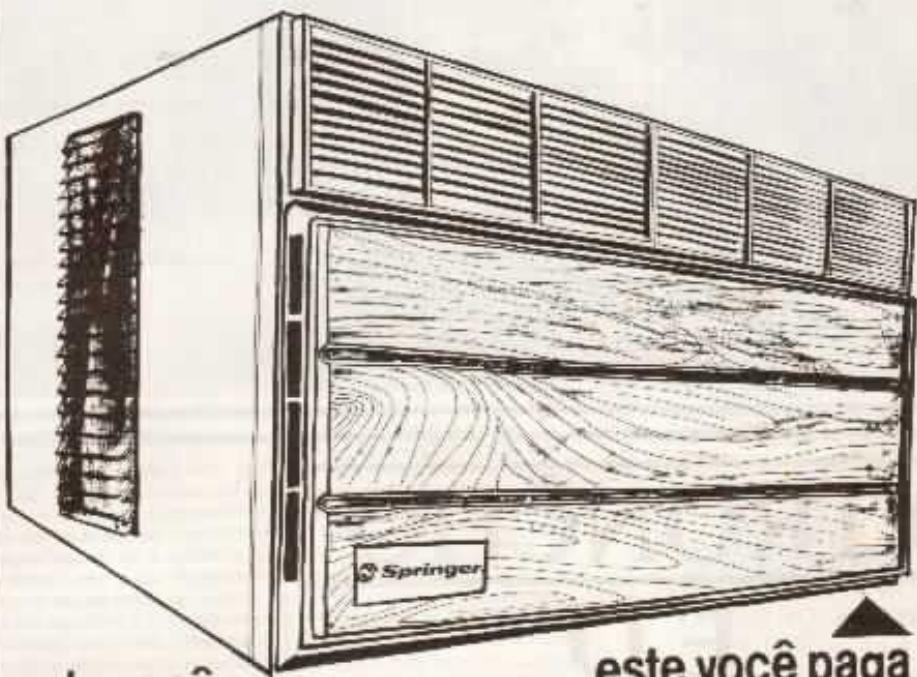
AS OFENSAS SÃO TANTAS E POR TODA PARTE.

construir esse ginásio de esportes, mas o melhor foi destruir uma praia. Ali seria uma área aberta, uma área de estacionamento, de lazer ou repouso. Nossa mania está na improvisação. Veja que as nossas ruas se enriquecem de espigões desnecessários. Certas mentalidades



acham que progresso corresponde a edifícios para o céu. A praia nasceu de Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Para denegrir Washington Luis, Getúlio precisou do apoio americano e, como os americanos vendiam cimento, ferro, vidro, alumínio, Getúlio se comprometeu a construir a selva estúpida de concreto que deformou e angustiou o Rio de Janeiro. No caso de Teresina, os espigões contrastam violentemente com as construções humildes. Os espigões são marchas que agredem o urbanismo da cidade. Mas as ofensas não param aí: são tantas e por toda parte. Temos lido seus trabalhos e acompanhado a sua luta por uma Teresina mais humana, urbanizada, e nos esforçaremos com muito gosto numa campanha de defesa da cidade, desde que os órgãos jornalísticos nos ofereçam espaço para reportagens. Você sabe que os seus esforços têm sido derrotados.

COMECE O ANO NA MOLEZA



este você
leva à vista,
de graça,
de graça ➤

este você paga
em 7 vezes

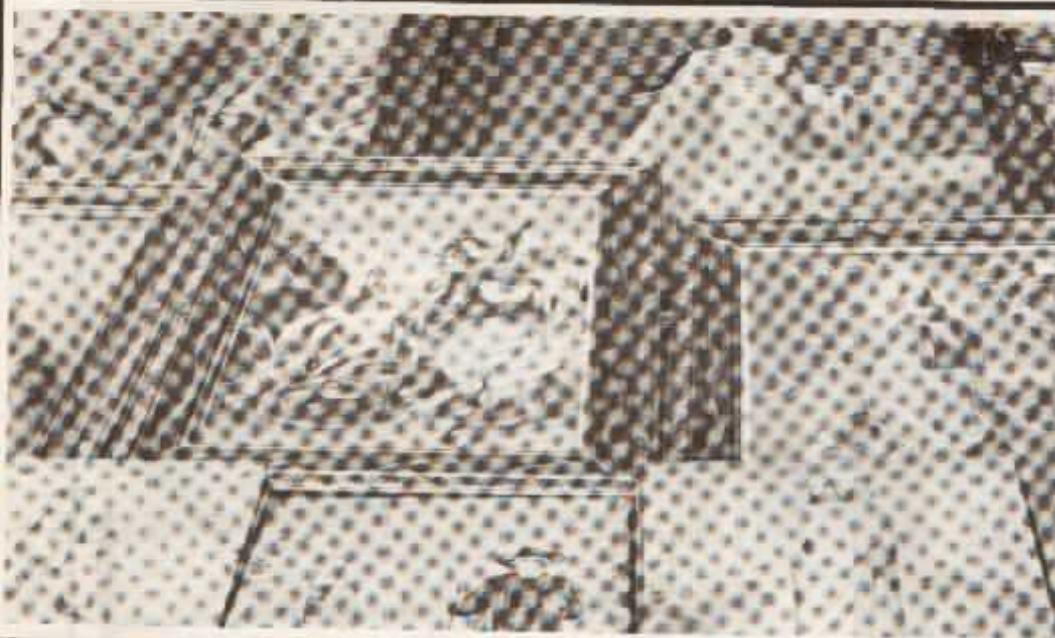
vantagem tão boa, que acaba logo

PAISANDU
C/ SIMPLICIO
MENDES



PAISANDU C/
RUY BARBOSA
ALVARO MENDES
C/ BARROSO

FOTO ALCIDES FILHO



O TRONCHO E O AÇUCARADO

Existe no Nordeste um tipo de arte, ou pelo menos de "representação", que faz torcer o nariz dos puristas da arte popular porque esta arte foge dos padrões estabelecidos pelos adeptos do populismo: trata-se daquelas imagens de santos penduradas em qualquer casa nordestina que se preze. Estas imagens não são uma arte feita diretamente pelo povo, mas a sua aceitação por parte desta faz dela uma das componentes da sensibilidade popular, e, como tal, não pode deixar de ser estudada à

luz do espírito crítico como manifestação característica dum tipo de sensibilidade.

E o que domina nestas imagens de santo é o estilo açucanando-meloso, uma espécie coelha-gelatina vagamente mística como se todos os problemas da vida se resolvessem numa bondade sentimental, bondade dum enfermeiro de algodão que

**GILBERT
CHAUDANNE**

issa uma pomada angelical contra os ferimentos/eldorado "dos bons sentimentos", como se o sentimento tivesse o poder de abolir os conflitos e de mergulhar tudo num profundo amor. Como se a "noçāo" de amor se satisfizesse com o sentimento e como se ele não fosse além deles uma espécie de diamante duro, confiante, implacável, e não um doce gostoso a chupar na "fossa". O coração bondoso no peito aberto do Cristo como um remédio para todos os males e do qual se extrai aquele ópio, aquela pomada analgésica sentimental.

E o mito cristão com a importância que ele dá ao amor, bem como ao culto do outro mundo, do mundo das almas, não podia deixar de ocupar o primeiro lugar numa representação desse tipo. Mas a ilogura do estilo não é específica do Cristianismo (ver os Cristos-expressionistas da Idade Média) e sim a consequência do Renascimento, que introduziu a beleza corporal-plástica paga no próprio Cristianismo, deixando assim o lugar para uma ambiguidade séria a agonia do Cristo na cruz ou do São Sebastião flechado tornou-se altamente plástica pela presença dum efebo neogrego, que assume o papel de

Cristo, pensando para a crucificação; imagem paga que fala aos sentidos e não ao espírito - a forma aqui só é forma - e não o receptáculo dum Weltanschauung cristã.

E as imagens de santo no Nordeste, além de carregar essa ambiguidade clássica, carregam outra. Porque o estilo aqui, se ele cheira ao Renascimento e o Barroco sensual, vai mais longe nessa direção: as tonalidades pálidas e açucaradas assim como o aspecto androgyno ou assumido ou efemorado dos santos fala dum

E O QUE HÁ DE MAIS EROTICO QUE UM BELO CORPO SOFRENDO NA TORTURA

ambiente sexual que não quer se identificar, como se houvesse uma transferência dum desejo carnal não assumido para um mundo para-místico em que a sensualidade pode ser desfrutar sem a marca do pecado. E o que há de mais erótico que um belo corpo sofrendo na tortura? E aquela imagem em si, como carregadora de magia sexual e finalmente de contemplação narcísica, crimo-se esses santos fizessem feitos do esperma consagrado dum doce mesturamento que permite ao sonho bordar suas rendas sem se sujar ao contato do mundo mau, do mundo-ão. Esse conteúdo erótico se encontra também nas imagens profanas daquele mesmo estilo açucarado, por exemplo, uma menininha cominhada chorando, o que representa a mesma dialéctica do bolo e do sofrimento, do belo que sofre. Não se encontra aqui a imagem dum mendigo feio, sujo, porque o feio quando sofre é mal feio ainda, não podendo, pois, despertar aquele amor açucarado porque este amor se nutre dum erotismo disfarçado. Mas no caso de surgir a imagem dum mendigo naquele museu do açucarado será para apelar ao "eu tenho pena dele", que é outra maneira de dizer que "eu tenho pena de mim mesmo", o que mostra de novo o narcisismo masturbatório da proposta (para amar o feio, o sujo, mas não duma maneira perversa e sim aquela auréola erótica do açucarado, teria que ter um amor crítico dum São Judas esquentando o corpo dum leproso

com o seu).

E essa fenomenologia do açucarado, se ela tomou conta dum certo representação clássica, também floresce na música popular. Vicente Celestino, Lupicínio Rodrigues, herdeiros da opereta, expressão maior do estilo açucarado, mergulham tudo na gelatina alcoolicada da mesa do bar com a imagem da amada que se foi (aquele ingrato) mesclando e remexendo o melodrama até que ele se torne bem doce e bem sangrento ("cotização de mãe"). E aqui, neste ambiente de lágrimas e de sangue (molar-se ou matar a amante, ou matar para provar o amor) estamos de novo, em pleno ambiente de magia sexual; só que é mais nítido que nas imagens de santo porque o soturno e a história estão contados ao ar livre e que elas não existem só implicitamente, esteticamente como nas imagens. O boêmio que de repente deixa a boêmia para se entregar à adoração dos santos, ilustra a parentela das imagens santas com o melodrama dum certo tipo musical popular brasileiro: o amor aqui produz açucar (é pode ser que o gosto mercador do brasileiro pelas comidas açucaradas venha a ser mais uma das manifestações dessa fenomenologia do açucarado: ver os bolos de aniversário).

E é assim que paradoxalmente o estilo açucarado chega até uma dimensão de arquétipo e este tipo de estilo, em suas exagerações aparentes, retrata de fato o latente, o informulado, o que foi censurado pela cultura erudita como vergonha indigna de um homem civilizado. E o valor objetivo dessa arte vem justamente daquela falta de auto-censura. Finalmente, ela carrega uma espécie de ingenuidade que, se ela leva consigo o chamado meu gosto, também faz desse meu gosto um elemento criador através do seu próprio excesso (observação já feita por Salvador Dalí, para o "modern-style", e pelas tropicalistas, para o "Brasil caipira"). Trata-se de uma arte que não tem consciência da sua própria poesia, e é por isso que sua poesia vive e que no dia em que tomar consciência da sua própria poesia, ela se apagará - ela terá vergonha de si mesma - ou se transformará na paródia (tropicalismo). E esta poesia pode ser apreciada com a dose necessária de inocênciacafona ou no segundo grau (crítico) como uma colheita no lugar do leite, como um charme inocentemente



NÃO SE TRATA MAIS DUM SONHO AÇUCARADO E SENTIMENTAL, MAS DUMA VERDADEIRA CRUZADA DENTRO DA CARNE NO OBJETIVO DE SUPERÁ-LA

perverso e que, por isso, se torna mais sedutor como uma ninfeia.

Mas a história não acaba aí porque este mesmo povo nordestino, autorade do açucarado trabalha também no seu oposto: o estilo nude, expressionista das xilogravuras e das telhas o troncho. E este estilo está diretamente ligado com aquele da Idade Média (ver os Cristos góticos alemães) que corresponde a uma arte-macho em oposição à arte efemorada do açucarado e do Renascimento: o Cristo crucificado é um verdadeiro grito da carne sofrendo e os caminhos pela carne não são mais eróticos, mas exaltados dentro do próprio sofrimento como necessidade espiritual e não como magia sexual para finalmente chegar a uma liberação num além da carne, a um amor que se desfee de Eros. Não se trata mais dum sonho

acucarado e sentimental, mas dumavida realizada cruzada dentro da carne no objetivo de superá-la. Por isso que tal carne não podia deixar de aparecer como torturada, com toda fúria plástica da tortura (corpos contorcidos, mãos trispadas, bocas gritando); mas por isso também que esta mesma carne encontra uma outra beleza que não é mais mesclada de erósmo, mas que é uma beleza espiritual. Por isso também é que os artistas da Idade Média podiam se dar ao luxo de erger as abóbadas góticas dum verdadeiro mistério, já que eles haviam superado o grito expressionista das esculturas pela sua própria exacerbação: limitar da iluminação com apelo para um amor transfigurado/ além da carne/ o amor crístico.

E se aqui no Nordeste falta a conclusão das abóbadas, temos, pelo menos, o início do caminho: o expressionismo das xilogravuras e das telas populares. É interessante notar a atitude do gravador e do talhador populares que sempre se desculparam por não fazer as formas direito, se desculpando pelo tronco em suas obras. Ora, é



justamente naquela falta de respeito às regras matemáticas do plástico que se inscreve a sensibilidade do artista, e isso apesar dele mesmo. Ingenuidade de novo na qual a

obra toma uma dimensão emocional e até espiritual, graças a esta inocência no ofício. Mas não se deve esquecer que o ideal de tal artista é justamente o estilo acucarado ou pelo menos o "bem acabado" (ver sua admiração pelo academismo), como tipo da obra bem feita, fotográfica e que, para ele, o estilo troncho é o resultado do seu "subdesenvolvimento artístico". Daí a aplicação da combinação de dois estilos opostos - o troncho e o acucarado - dentro da sensibilidade nordestina popular.

A arte popular nordestina é assim feita que, trabalhando na inocência como apesar da si mesma, pode extrair de sua sensibilidade as caroções mais diversas, que vão dos ceyaneos mais melosos, assumidos com a maior naturalidade, as cunetas-mais rubras do sofrimento e da beleza espiritual - do acucarado ao troncho.

* Gilbert Chaudanne, poeta, pintor e crítico de arte francês, radicado no Piauí.

AGESPISA CONCLUI EM TERESINA OS SEIS RESERVATÓRIOS D'ÁGUA

Os seis grandes reservatórios projetados pela Agespisa para aumentar a capacidade de reserva d'água do sistema de abastecimento de Teresina foram concluídos e entregues à população pelo Diretor-Presidente da Agespisa, Dr. Sampaio Ramalho.

A incorporação desses reservatórios ao sistema geral da cidade exigiu a compreensão da comunidade que ficou sem água, em algum período, diante da necessidade da ligação de um tubo de aço com um metro de diâmetro.

Para que o trabalho fosse executado com perfeição foi inevitável a paralisação do sistema. Entretanto, toda a comunidade foi prevenida vários dias antes da execução dessa ligação, através de

informações publicadas pelos jornais, rádios e TV.

A nova bateria de reserva d'água da capital exigiu na sua construção 6.800 toneladas de concreto armado e um investimento financeiro superior a Cr\$ 500 milhões, recursos provenientes do Governo do Estado e do Banco Nacional de Habitação.

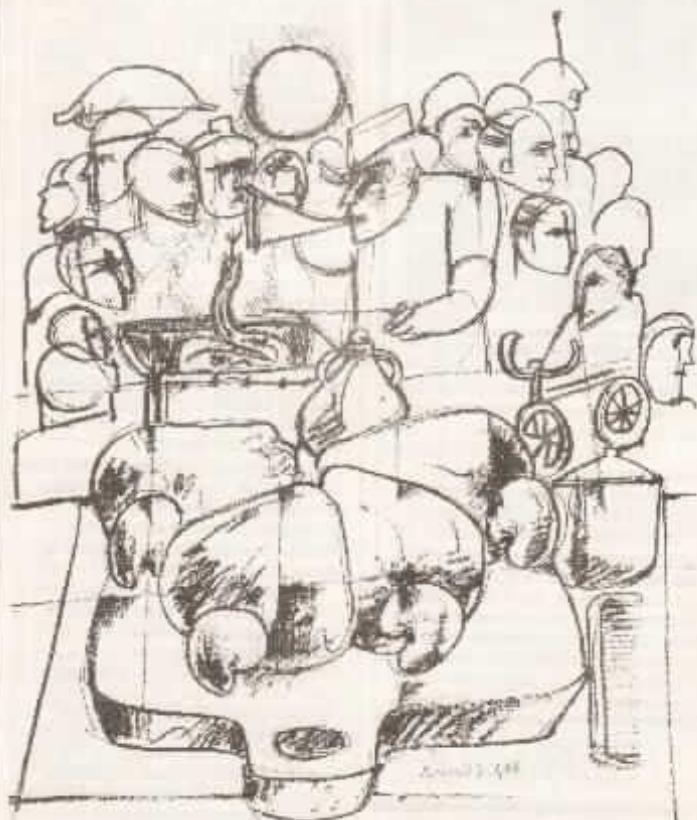
São três unidades no Parque Piauí: Uma com cinco milhões de litros para atender a área alta de Teresina, compreendendo o Parque, Sacu, Lourival Pereira, Redenção, Tabuleta, São Pedro e outros; outra com 2,4 milhões para o Promotor e a terceira com 700 mil litros para atendimento aos conjuntos Bela Vista I e II.

Para atender parte da zona sul

e a zona centro, foi construído o reservatório "Panorama" no bairro Monte Castelo, capacitado para cinco milhões de litros e para a zona norte um outro reservatório, capacitado para 2,4 milhões de litros, no Morro da Esperança, bairro Primavera.

Além dessas unidades, o governador Lucídio Portella inaugurou em 1982 um grande reservatório da zona leste, localizado na avenida Presidente Kennedy, bairro São Cristóvão. Somando-se a capacidade de todos os reservatórios, Teresina terá elevada sua reserva de água tratada em mais de 17 milhões de litros, assegurando abastecimento a todas as áreas da cidade.

MERCADO DE TERESINA



ILLUSTRAÇÕES FERNANDO COSTA

N

No inicio só muitas cores e cores que representam interesses de uma densa que quida e leva a visão. Depois dia e noite são devoções que falam que se cedem por quem tem o seu valor para dizer. Daí em diante, uma rede, um laço, um bolo, um jato, juntos se apoiam, que mais parecem humanos vivendo em sua vida. Há portões de madeira com diversas serraduras, uma série para o ofício de passar a carne verde, outras que põem esquinas que mais parecem humanos fazendo a estrada e os homens que parecem imóveis de recolherem.

E lá o espírito para os frutos cheirosos em seu colorido brilhante colhidos. E cada que faz amor, amor no seu gosto e na sua satisfação enquanto o colorido aumenta a beleza. Mas em cima estão penduradas uma estrela ou geométrica de cada cor com um gosto de cada gosto e sabor de cada gosto e sabor do briso de Ana Moura.

Têm nomes, tempos feitos, têm subidas, têm penas, tem uma banca que vende porcelanas de sermões, cada uma para um caso com relações diferentes.

O sol também no mercado é outra mercadoria vendendo a sua claridade, mas vendendo com simplicidade para todos em que chegam ao mercado sumido e da manhã malvado num dia de Teresina.

São Paulo, 7 de outubro de 1992

CLÓVIS
MOURA

CULTURA: UM MOVIMENTO VIVO E CONSTANTE



FOTO SECOM - PI

Em seu discurso da posse, como Secretário de Cultura, em substituição ao deputado Wilson de Andrade Brandão, no Salão Nobre do Palácio de Kamak, o professor Manoel Paulo Nunes defendeu Cultura como uma vivência, situando-a, não apenas nesse sentido erudito, que valoriza o verso de Castro Alves, de Bilac, ou a prosa de Rui Barbosa, mas valorizando, também, o chamado popular, como o famoso desafio nordestino, representado, por exemplo, pela peleja do Cego, Adareido e Zé Pretinho a pulo versus alfinetante de Inácio da Celingueira.

E, assim, desde o dia de sua posse, 21 de maio do ano passado, a Secretaria de Cultura não tem feito senão valorizar todos os tipos de manifestações culturais e artísticas do nosso povo; porque tudo isso, segundo ele, é vital, aquela terra na solidão selvagem e

aquela cachoeira no meio do mato, a que se refugia Câmera Cascudo no livro fundamental da nossa literatura que é também a sua literatura oral.

Com esse propósito foi que, de imediato, se juntou-se com o presidente da União Brasileira de Escritores (Seção do Piauí), Pompílio Santos, quando este propôs a realização em Teresina, no período de 27 a 30 de agosto do ano passado, do II Encontro de Escritores do Norte/Nordeste, por entender que este encontro seria de grande importância para um melhor desenvolvimento da cultura piauiense. E foi. Os painéis

KENARD

KRUEL

apresentados, no Herbert Parentes Fortes, durante aqueles quatro dias, pelos conferencistas Mário Pontes, Aderval Jurema, Vamirech Chacon, Domingos Carvalho da Silva, Alan Viggiani, Jayme Parreira, José Helder de Souza, Clávis Moura e Alberto Da Costa e Silva, muito contribuíram para que tivéssemos uma visão mais esclarecedora da literatura brasileira e, mais ainda, dos problemas que enfrentam os nossos escritores para publicar e vender suas produções literárias.

Persistindo no ideal de Montalvo Lobato, em que "Um país se faz com homens e livros", o titular da pasta da Cultura piauiense não hesitou em assinar um convênio com a Universidade de Brasília, para reedições de obras básicas do pensamento piauiense, tais como, por exemplo, Pesquisas Para a História do Piauí, de Odilon Nunes, que já se encontra no parlo; História da Independência no Piauí, de Wilson de Andrade Brandão; Memória Cronológica, Histórica e Corográfica da Província do Piauí, de José Martins Pereira de Almeida, entre outras.

E, ainda, através de um convênio com a Universidade de Brasília, que a Secretaria de Cultura está oferecendo o Programa de Ensino à Distância, que, utilizando-se da metodologia da Universidade Aberta Inglesa, permite a realização de cursos, em todos os Estados brasileiros, com um programa cultural de nível exelente, fornecendo material de ensino de alta qualidade a baixo custo a amplos segmentos da sociedade, especialmente profissionais liberais, professores e

CULTURA: UM MOVIMENTO VIVO E CONSTANTE

FOTO SECOM - PI



Em seu discurso da posse, como Secretário de Cultura, em substituição ao deputado Wilson de Andrade Brandão, no Salão Nobre do Palácio de Karnak, o professor Manoel Paulo Nunes definiu Cultura como uma vivência, situando-a não apenas naquele sentido erudito, que valoriza o verso de Castro Alves, de Blac, ou a prosa de Rui Barbosa, mas valorizando, também, o chamado popular, como o famoso desafio nordestino, representado, por exemplo, pela poesia do Cego Adareido e Zé Pardinho a polo verso alusivamente de Inácio da Catingueira.

E, assim, desde o dia de sua posse, 21 de maio do ano passado, a Secretaria de Cultura não tem feito senão valorizar todos os tipos de manifestações culturais e artísticas do nosso povo, porque tudo isso, segundo ele, constitui aquela Rio na solidão selvagem e

aquela cachoeira no meio do mato, a que se refere Câmara Cascudo no livro fundamental da nossa literatura que é também a sua literatura oral.

Com este propósito foi que, da imediata, solidariou-se com o presidente da União Brasileira de Escritores (Seção do Piauí), Pompílio Santos, quando este propôs a realização em Teresina, no período de 27 a 30 de agosto do ano passado, do II Encontro de Escritores do Norte/Nordeste, por entender que esse evento seria de grande importância para um melhor desenvolvimento da cultura piauiense. E foi. Os painéis

KENARD

KRUEL

apresentados, em Herbert Parentes Forles, durante aqueles quatro dias, pelos conferencistas Mário Pontes, Aderbal Jurema, Vamirech Chacon, Domingos Carvalho da Silva, Alan Viggiani, Jayme Pereira, José Helder de Souza, Clávia Moura e Alberto Da Costa e Silva, muito contribuíram para que tivéssemos uma visão mais enriquecedora da literatura brasileira e, mais ainda, dos problemas que enfrentam os nossos escritores para publicar e vender suas produções literárias.

Persistindo no ideal de Montalvam Lobato, em que "Um país só faz com homens e livros", o titular da pasta da Cultura piauiense não hesitou em assinar um convênio com a Universidade de Brasília, para reedições de obras básicas do pensamento piauiense, tal como, por exemplo, Pesquisas Para a História do Piauí, de Odilon Nunes, que já se encontra no prado; História da Independência no Piauí, de Wilson de Andrade Brandão; Memória Cronológica, Histórica e Corográfica da Província do Piauí, de José Martins Pereira de Almeida, entre outras.

E, ainda, através de um convênio com a Universidade de Brasília, que a Secretaria da Cultura está oferecendo o Programa de Ensino à Distância, que, utilizando-se da metodologia da Universidade Aberta Inglesa, permite a realização de cursos, em todos os Estados brasileiros, com um programa cultural de melhor nível existente, fornecendo material de ensino de alta qualidade a baixo custo a amplos segmentos da sociedade, especialmente profissionais liberais, professores e

estudantes. No momento, há, em realização, o *Curso de Introdução à Ciência Política*.

A Secretaria da Cultura colabora, com igual propósito, com a Editora Coricu, representada pelo escritor Cinéas Santos, para edições de autores novos e consagrados da nossa literatura. O primeiro livro editado foi *Antologia Poética*, de Da Costa e Silva, que reúne poemas selecionados pelo próprio poeta. O segundo foi *Argila da Memória*, do também amarantino, poeta Clóvis Moura. O terceiro, com lançamento previsto para março próximo, será *A Angústia e os Extases*, do poeta Ribamar Ramos. Outros livros se encontram em fase de leitura para publicações em breve.

Com muito esforço, conseguiu a reativação da revista *Presença*, órgão oficial da Secretaria da Cultura, que estava desativada em seu número quatro. Com nova feição gráfica, a revista *Presença*, em seu quinto número, publicou artigos, comentários, entrevistas, pesquisas de Manoel Paulo Nunes, Cinéas Santos, O. G. Rego de Carvalho, Francisco Miguel de Moura, Paulo Machado, Manoel de Moura Filho, Gilbert Chaudanne e Kanard Kruel. Além destes, trouxe colaboração, ainda, dos humoristas Albert Piaui, Arnaldo Albuquerque e Dódô Macêdo, e, também, do artista plástico Fernando Costa, autor de algumas ilustrações e da capa da revista.

Realizou na Praça Da Costa e Silva, em homenagem ao poeta amarantino, o I Concurso da *Poesia Falada na Praça*, que contou com a participação especial do poeta piauiense H. Dobal, na comissão julgadora. Promovido, no Heriberto Parentes Fórum, um curso de Literatura Piauiense, destinado especialmente aos estudantes que iriam prestar o vestibular deste ano. Colaborou, da mesma forma, com realizações de cursos similares em Parnaíba, Floriano, Picos e Campo Maior. Deu continuidade aos Concursos de Conto João Pinheiro, Permanente de Dramaturgia; Salto de Artes Plásticas; Festival de Cinema e Super 8; Festival de Santoneiros; Encontros de Folguedos; Festival de Comidas Típicas; Projeto Pinguinhe e, em especial, ao Projeto Torquato Neto.

O Projeto Torquato Neto, que é o mais importante movimento musical piauiense, realizou no ano passado, em homenagem aos dez

anos de morte do poeta piauiense Torquato Pereira de Andrade Neto, a *Torquatália*, com as presenças dos poetas, Cacáso, Cleonó e Wally Seilormon, além da ex-mulher do poeta, Ana Maria que veio acompanhada do artista plástico Oscar Ramos. *Torquatália* contou-se de exposições de poemas e filmes de Torquato Neto, bem como do lançamento do livro *Os Últimos Dias de Paupéria*, uma nova edição revista e ampliada, tendo, agora o subtítulo *Do Lado de Dentro*, pela editora paulista Max Limona, com organização de Ana Maria e Wally Seilormon. A abertura do Projeto Torquato Neto, para este ano, foi feita às 20 horas do dia 15 de dezembro passado, na Praça Da Costa e Silva, com a apresentação do show *Círculo Musical Piauiense*, que teve participação especial de Geraldo Brito, Cruz Neto, Laurencie França, Janete Dias, Maria da Inglaterra, e dos grupos Candeias e Varanda.

Contribuindo, de um modo positivo, para a preservação das nossas raízes culturais, a Secretaria está com quase todos os grupos populares e folclóricos recuperados. Alguns destes grupos, por exemplo, têm se apresentado na Feira Popular de Arte, que a Secretaria da Cultura realiza na Praça Sarauva, aos domingos, com bastante aceitação por parte dos presentes. A Feira Popular de Arte, aliás, há muito tornou-se conhecida como o maior movimento cultural e artístico do Estado, reunindo, ali, artistas das mais variadas tendências e técnicas, que através dela, aumentam sua renda mensal e proporcionam, por outro lado, formas de lazer saudável para a comunidade.

Concordando, também com o saudoso secretário da Cultura do Ministro da Educação e Cultura, Afonso Magalhães, quando este afirma que é necessário puxar a borboleta ao máximo, a fim de que a pudra seja lançada a maior distância possível, ao querer afastá-la com um estilingue, parte para a continuidade de preservação do patrimônio histórico e cultural piauiense. Dessa maneira é que, opinando aqui e interferindo sózia, encontra-se com os seguintes prédios em restauração ou em reforma: Centro de Convenções e Arquivo Público, em Teresina; Palácio Episcopal, em Oeiras; Monumento à Batalha do Jenipapo, em Campo Maior. Além do mais, está em contato

permanentemente com a Secretaria da Cultura do MEC, para a restauração do conjunto arquitetônico do Porto das Barcas, em Parnaíba, mediante convênio com aquela Secretaria e intervenção do Banco Nacional de Habitação, que deverá fornecer os recursos necessários. Da mesma forma, está participando da criação do Centro Cultural de Amarante, a ser instalado na Casa Otilio Nunes, naquela cidade, ao tempo em que promove a instalação do Centro Cultural de Oeiras.

Todavia, de todas as atividades realizadas pelo secretário, na atual gestão, uma se destaca mais pela abrangência de suas atividades. Trata-se do Projeto Pirajá, como se tornou inicialmente conhecido o Projeto de Interação Educação e Cultura, executado em sua 1ª fase, no segundo semestre do ano passado, no bairro Pirajá pela Secretaria da Cultura, tendendo a proposta do MEC de se elaborar um projeto visando à interação entre educação básica e cultura local, mediante a compatibilização dos planos e programas nos níveis formal e não formal, objetivando tornar a escola o centro cultural da comunidade.

Dessa forma, em virtude do êxito da iniciativa, antes somente com desenvolvimento no bairro Pirajá, a Secretaria da Cultura, com o apoio da Secretaria de Educação e da Universidade Federal do Piauí, pretende estendê-lo aos bairros Matinhos e Matadouro, escutados por apresentarem características semelhantes ao primeiro, tanto do ponto de vista geográfico quanto sócio-cultural.

Passarão, a partir de agora, a colaborar com este projeto as Unidades Escolares Oscar Clark, Presidente Kennedy, Beira Mar Menor, Joel Ribeiro e, também, o Centro Comunitário de Matinhos, Centro de Ação Comunitária do bairro Matadouro e Comissão de Assistência Comunitária, importantes que são para os objetivos gerais a serem desenvolvidos na integração da cultura local no currículo escolar; incentivação da participação da comunidade para a solução dos problemas locais e utilização de diferentes processos educacionais na geração e operacionalização de situações de aprendizagens.

Kenard Kruel, escritor, jornalista, assessor de imprensa da Secretaria da Cultura.

DODÓ MACÉDO

OS SURDOS NÃO CAPTA O ÁBITO FAZ

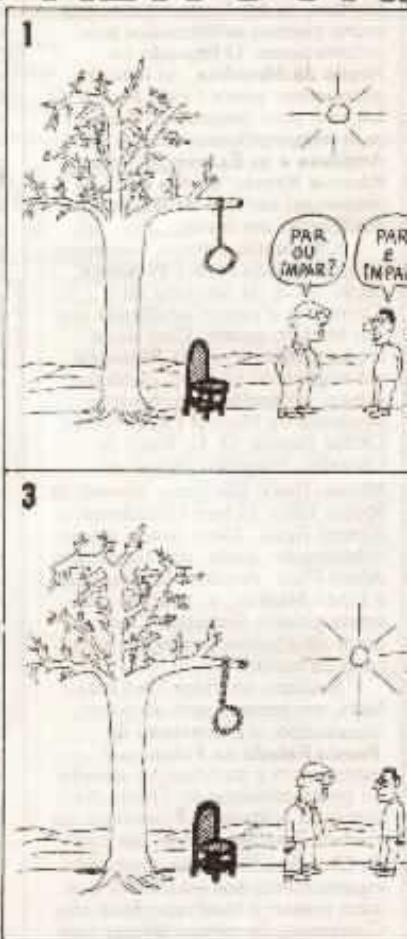


QUANTO MAIS APERTADA,
MAIS FROUXA DE RISO.

O HOMEM DE VISÃO
DO ANO É DONO
DA FÁBRICA DE
COLÍRIO



EM TERRA DE CEGO QUEM
TEM UM OLHO VÊ ALMA!



NO BRASIL, SÓ EXISTE QUANDO É POUCA

AM O ÓBVIO ULULANTE O DESLETRADO



ERA UM RELÓGIO
RELAPSO; SO SE
PREOCUPAVA EM MATAR
O TEMPO.



PEGOU O
PISTOLÃO E
ASSALTOU O
MERCADO DE
TRABALHO.



A INCERTEZA QUANTO
AO FUTURO NÃO
DEIXA MARGEM A DÚVIDAS, ESTOU
CONVICTO.

ESTE LUTA DE CLASSES A MERENDA ESCOLAR

CLAUDIO



UM RIO DE ÁGUAS BARRENTAS

**EXTRAÍDO
DO
ROMANCE
INÉDITO
DE J.
RIBAMAR
OLIVEIRA**

O sol de abril de 1859 amanhecia na cidade de Parnaíba. A luz do dia cintas era fraco, escurecida. O sol já começava a apontar no céu do horizonte com tempo claro e céu azul. O vapor "Uruçuí" se preparava para sair rumo a Teresina. O porto regurgitou de gente espalhada em cima da ribanceira, despertada cedo pelo estrondear dos bucamates e o som da banda de música tocando dobradas marchas. No meio do porto destacam-se as autoridades, os convidados do Presidente da Província. Os passageiros se apressaram, entraram em fila, orientados por dois marinheiros ao lado da prancha. As autoridades entram em primeiro lugar, subindo a escada superior, onde se encontra o 1º tenente Álvaro Augusto de Carvalho, oficial de marinha designado pelo Conselheiro Saracá, Ministro da Marinha do Império, para levar o navio dos estaleiros da Ponta da Areia, na Província do Rio de

A PRIMEIRA VIAGEM DO "URUÇUI" ATRAVÉS DO RIO PARNAÍBA SE REVESTIA DE UM FATO EXTRAORDINÁRIO, CAUSANDO TEMOR ENTRE OS PASSAGEIROS. PARECIA UMA AVENTURA.

Janeto, até Teresina.

O vapor estava lotado. A primeira viagem do "Uruçuí" através do rio Parnaíba se revestia de um fato extraordinário, causando temor entre os passageiros. Parecia uma aventura.

O vapor se aglomerava nas imediações do porto na manhã fria de abril. Todos queriam assistir a saída do vapor, marco histórico da ligação fluvial entre a cidade de Parnaíba e a capital da Província.

A banda da marinha continuava tocando, animando o ambiente festivo, enquanto os foguetes chiamavam no rumo de cima

expocando no ar.

O vapor apitou o sinal de partida e as máquinas experimentaram no porto a engrenagem moderna importada da Inglaterra, com o maquinista Rafael Soares e o foguista Cândido Sáezira atentos às ordens do comandante.

O foguista Cândido, responsável pela temperaturam das caldeiras, não se desculpava de quantidade de lenha e do curado de pedra de fornalha. Ele cuidava, cuidadosamente, a meação da madeira e a dosagem do curado. O carvão de pedra veio da Inglaterra para a viagem do "Uruçuí". Ainda restava uma reserva no depósito, o suficiente para muitas viagens, desde que misturado à lenha. A madeira era o combustível apropriado à navegação fluvial, de fácil aquisição e mais barato. A Companhia já havia contratado fornecedores de lenha nos portos por todo o percurso da viagem.

O foguista era homem calculista, profissional habilidoso. Sabia a quantidade do carvão de pedra das naves rivais.



Dependia exclusivamente da força das ondas. Ainda não calculava o efeito de lenha. A viagem inaugural lhe daria a experiência necessária. O lugar de partida da Companhia Fluvial já lhe pertencia. Foi comodato ainda sua estaleira do Porto da Amizade. Ele se sentiu feliz com a sua missão profissional. Fez com saudades do mar, mas agora desfrutava da viagem oceânica. Era apenas uma imponada parada, porque a sua paixão continuava sendo o mar.

De repente o imprevisto. Rafael Soares apertou o peitoral, comprimido nas caldeiras e deixou escapar o grunhido dos óculos com encados violentos. A força dos motores se liberta e impulsiona os

OS PASSAGEIROS SENTEM UMA SENSAÇÃO DE RARA FELICIDADE. TODOS TINHAM A CERTEZA DE SEREM OS PIONEIROS DA NAVEGAÇÃO A VAPOR DO RIO PARNAIBA.

modas no vapor, proporcionaram primeiros solícitudes na evolução de fogo fundo nos águas borbulhas do rio.

O passageiros sentiram uma sensação de rara felicidade. Todos tinham a certeza de serem os pioneiros da navegação a vapor do Parnaíba.

Os marinheiros retiraram o gancho de madeira e o barco se separou da ribanceira, deixando os aplausos prolongados da plateia para trás. O acenando adiante os passageiros acenando lenha e rimos, retribuindo o gesto de brilhantil dos pernambucanos.

O ambiente fevereiro resplandecia e todos os que partiam para a viagem inaugural e os que ficavam preguiços em terra festejando a embarcação se afastando lentamente do porto. Os que permaneciam no porto de ofícios caminhos sentiam misto de não poder estar dentro do vapor "Uruguai".

O comandante Alvaro Augusto de Carvalho, vestido em sua impecável farda de serviço, tessendo no ombro os brilhantes divisas de 1º tenente, quepe bem disposto na cabeça de rebolos louros, emite as ordens de comando ao piloto de bordo para a partida.

O sábio Malocchio Oliveira, segurando com mãos firmes a roda direcional da navegação, gritou ao piloto do mosqueteiro e no porto o mercadoria Rafael Soares, para imediatamente, a distância para o vapor nascer.

Malocchio Oliveira, murmurando, veterano da navegação marítima, neto de navegador português, a viagem sólida exclusivamente para o trato, "Vós filhos nos deusos, mais religiosamente, os amigos do seu comandante, assim ligas para o barulho das rodas dentro d'água e o abanego do popo nas rufas nuas do rio. Ele se concentra no seu ofício, concorrendo à responsabilidade profissional.

O vapor "Uruguai" sóca suas esmigas e o piloto gira o portoletto do mestre-rodas indicando a onda da partida emitida pelo comandante, que no rubor olha apreensivo para o horizonte das águas.

Embarcou no porto o mercadoria Rafael Soares, para mais uma vez a distância de controles e libera totalmente as mãos do buço, que se afunilou da ribanceira, fixando-se no mar.

A queda do vapor chocou-se violentemente com a comissaria da tri e paga a rota, surpreendendo suavemente as águas do canal da fozaria, rompendo estuário do Parnaíba.

Dentre as figura femininas que embarcaram em Parnaíba, destaca-se a de Maria Cristina, plena de vida e de beleza, filha do coronel José Francisco de Holanda, homem de posição político incomensurável, copça de túnica em processo, amadurecido nos lares nascendo emancipação da sua terra, legítimo herdeiro da gente piassense. O coronel Holanda era conselheiro de honra do Presidente da Província e sua filha embarcaram a esposa e a filha dileta, mimo da família, sutilmente estreio nos estômes pernambucanos, querida e cobizada por todos os rotas da região, que viviam nela não apenas o esplendor falso de que era dotada, mas, também, a força política do pai, que a todos imponha o seu poder exercitado na fama e na glória.

Maria Cristina endava maldade, compenida da sua presença marcante naquela viagem inaugural! Para ela era nova uma

viagem de recreio somada às lembranças que lhe fizera em horas de menor número e conforto, quando ia constantemente à Capital da Bahia, à Corte Imperial, com a família, o comitê do imperador Pedro II. Esse viagem à Capital da Província era mais um deleite para o seu espírito juvenil, uma nota intensa que só é atenuada pela pressa; pois em Teresina residia o marido da sua prole, o Antônio Henrique Campanha, rapaz belamente, garoto e calçado por todas as moças da sociedade teresinense. Maria Cristina estava acostumado ao ambiente cordélio do comandante. Seu pai era um passageiro impiedoso, dia e noite mudando bens, tornar que a donzela orgulhosa a festejar.

Maria Cristina via o vapor deslizar lentamente do porto, ouvindo o rumor das máquinas girando as rodas e o barulho do popo navegando e estabelecendo-se afastando. Desfazendo-se com o espírito e quando o vapor se distanciou da margem, com os casais sustendo e o pé no desprendendo ao longe, preferiu intervir-se no cumprimento com a família, para as provisões procedências de comodidades.

Maria Cristina só entrou no convés, quando o "Uruguai" já havia saído da curva do igarapé, penetrado no condutoria estuário do Parnaíba. Ele deslizava tomando contacto com os demais passageiros, alim de poder apreciar a paisagem que a relâmpago encantavam naqueles redutos escuros de árvore. Havia sol forte e blusa suave. Maria Cristina sentiu-o sendo enxergar-lhe os cabelos casinhos e entrelaçados na barra das rodas dentro d'água, forcando a marcha lento de esperar subindo o rio. Antônio se veda com a beleza em volta da tri e os amigos amarrados no popó das águas. robustas e a possuem na cintura dos talhos cantando alegramente.

Maria Cristina permaneceu devagar, cumprimentando-se pessoas e dedicando com olhares conhecidos, sem nenhuma interesse por seus interlocutores. Estava feliz. De repente ela dirigiu um sorriso bem humorado: alguém que batizasse o seu nome. Naquele instante vir a figura imponente do 1º tenente Alvaro Augusto de Carvalho no seu posto de comando, jazendo nuns pinheiros de bordo, todos vestidos com roupas brancas, ilustrando-se o tumulto de cabelos louros e olhos azuis, parecendo lhe uma figura mitológica, um apolo tropical. Viu-

o militar na magistral do seu ofício de marinheiro e sentiu uma estranha sensação de felicidade. Maria Cristina ficou insóci, numa postura afrodísiaica, fixando o vulto do tenente preocupado exclusivamente com o cano do rio e o seu esplendor do balizador na proa do "Urucu", quando a fundura do canal.

Sabidamente ocorreu a mesma crença no íntimo do tenente Alvaro Augusto. Ao deslocar a vista dos olhos da marinheira, percebeu a figura de mulher com os olhos fitos em sua direção. Fixou-a demoradamente e sentiu uma forte atração pela criatura inuligur que aparecia à frente. Pressentiu que amigos eram atraídos mutuamente. Alvaro Augusto ainda não tinha sido apresentado aos passageiros nôo imediato de bordo. Um protocolo para mais tarde, quando a embarcação si-



estivesse em rotas seguras e o plano de viagem estabelecido. Ao fixar a figura feminina hambrou-se, de relance, da noiva Maria Antonia, esperando-o no Rio de Janeiro. Estavam vivas na memória as despedidas no cais, as promessas e juras de amor na hora da partida. Viu o vulto da noiva tremeria e comovida. Percebeu que ela fugiu precipitadamente da sua imaginação, desaparecendo por encanto, para dar lugar à inacessível mulher, de pé, no tombarilho, olhando-o insistidamente, com interesse insuado.

Enquanto o tenente deseja o olhar para emitir ordens ao piloto Maluquias Oliveira, a figura feminina desaparece em passos rápidos, deixando o militar só secado por aquela aparição imprensante.

O tenente Alvaro Augusto não esqueceu a figura graciosa e bela da passageira. Deixou o piloto no seu posto de comando e resolviu conhecê-la de perto a mulher misteriosa. Ele não consumaria se deslumbrar facilmente, mas aquela criatura encantava o seu coração com fortes palpitações. Desviou-se da sua demora. Apresou o passo em perseguição de Maria Cristina, que percebendo o interesse do militar, resolviu esconder o passo, subtraindo-se sobre o amurado do convés, procurando disfarçar o próprio interesse, iluminado a natureza circundante. Sempre o rumo dos passos e aguardou ansiosa, a pulsação do tenente, que velo media, nervosa, trêmula, inquieta. Alvaro Augusto cumprimentou Maria Cristina como se estivesse quem cumprindo com o dever de comandante, obrigação protocolar de início de viagem. O militar e Maria Cristina fizeram-se antes de qualquer diálogo, surgindo entre ambos uma conversa cordial, animada. Conversaram sobre a viagem fluvial, sua importância para o progresso da Província, a beleza da paisagem, a duração do percurso até Teresina. Brincou desse primeiro contato, muita simpatia, que cresceria durante os breves dias da viagem. Em seguida apertaram-se as mãos e se separaram, pois o tenente aproveitou a oportunidade para cumprimentar os passageiros ao lado do Imediato Luiz Serejo, inclusive apertar as mãos do coronel Holanda e da família. Com o coronel Holanda o tenente priou mais demoradamente. Ele desejava colocar os seus préstimos a quem alimentava admiração e respeito. Quando o comandante conversou com o coronel, Maria Cristina chegou, vinda juntar-se à família. Então, surpreendida, o tenente soube que a donzela que lhe impressionara era filha do militar que tanto admirava.

A primeira escala do vapor foi na ilha de São Paulo, a poucos quilômetros da barra do Igaraçu, onde o porto das margens do Rio matutava de longe com medo da embarcação de ferro, não querendo se aproximar de jeito nenhum. Os matutos permaneciam nos barrancos ou trepados nas árvores frondosas das ribanceiras feito

A POPULAÇÃO RIBEIRINHA NUNCA HAVIA VISTO UM BARCO DAQUELE JEITO. ARREDIA E DESCONFIADA ASSISTIA, À DISTÂNCIA, A MOVIMENTAÇÃO DOS MARINHEIROS.

mocacos. Só as pessoas mais velhas, acostumadas a visitarem a cidade grande ajudavam a carregar a lenha para as caldeiras, procurando ganhar algum dinheiro para o sustento.

A população ribeirinha nunca havia visto um barco daquele jeito. Arredia e desconfiada assistia, à distância, a movimentação dos marinheiros. Não entendia porque o vapor subia a contenteza do Rio sem ajudar o sentido ou o auxílio da vela comprida espalhada no peito dos homens robustos. Se importava com aquela coisa esquisita gritando e soltando fumaça preta pelas ventas. Para essa gente humilde aquilo parecia arte da capela. As pessoas da redondeza observavam encantadas, se bewendo e esconjurando, enquanto as crianças de olhos arregalados esgoelavam desideriosas nas mães, com medo do bicho de ferro comendo dentro d'água feita doido.

Os passageiros debatidos no tombarilho gozavam o espetáculo em derredor, a natureza exuberante surgeando o Rio e o temor infantil dos habitantes. Algumas azenavam insistentemente para os matutos das flanças, mas não recebiam qualquer gesto cordial. A romana romava com os semblantes. O vapor os dominava silenciosamente, sem tempo para cordialidades.

Maria Cristina também se extasiava com a beleza das margens. Ao lado do pai e da mãe permaneceu por algum tempo observando aquela gente rude e ignorante dominada pelo atraso e pelo superstição.

O vapor "Urucu" continuava o seu curso normal, sinalizando as águas burriscas do Rio, indiferente ao temor bobo das populações ribeirinhas.

Jacundino Koema, balizador, postado na proa do vapor, balisa folha na mão, experimentava a fundura do Rio, repetindo o gesto a cada instante. Preocupava-se com os barcos e os bancos de areia. O comandante Alvaro Augusto de

o militar na imponéncia do seu ofício de marinheiro sentiu uma estranha sensação de felicidade. Maria Cristina ficou intóxica, numa postura afrodísia, fixando o vulto do tenente preocupado exclusivamente com o curso do rio e o seu exírcito do balizador na proa do "Urucu", grunhindo a fundo do canal.

Silenciosamente ocorreu a mesma cintilação no íntimo do tenente Alvaro Augusto. Ao descer a vista dos olhos da marinheira percebeu a figura de mulher com os olhos fitos em sua direção. Fixou-a demoradamente e sentiu uma forte atração pela criatura inusitada que aparecia à frente. Pressentiu que ambos eram atraídos mutuamente. Alvaro Augusto ainda não tinha sido apresentado aos passageiros pelo imediato de bordo. Um protocolo para mais tarde, quando a embarcação já



estivesse em rotina segura e o plano de viagem estruturado. Ao fixar a figura feminina houve-se, de relance, da nova Maria Antônia, esperando-o no Rio de Janeiro. Estavam vivas na memória as despedidas no casal, as promessas e jura de amor na hora da partida. Viu o vulto da noiva tremula e comovida. Percebeu que ela fugia precipitadamente da sua imaginária, desaparecendo por encanto, para dar lugar à inusitada mulher, de pé, no tombadilho, olhando-o insistidamente, com interesse inusitado.

Enquanto o tenente desejou o olhar para emitir ordens ao piloto Malacidas Oliveira, a figura feminina desapareceu em passos rápidos, deixando o militar olhando por aquela aparição impressionante;

O tenente Alvaro Augusto não esqueceu a figura graciosa e bela da passageira. Desceu o piloto no seu posto de comando e resolveu conhecer de perto a mulher misteriosa. Ele não consumaria tal deslumbramento facilmente, mas aquela criatura encantou o seu coração com fortes paixões. Desceu respeitosamente a proa em perspectiva de Maria Cristina, que percebendo o interesse do militar, respondeu estocar o passo, abrindo-se sobre o amurado do convés, promovendo desfilar o próprio interesse, olhando a natureza circundante. Sentiu o rumor dos passos e aguardou ansiosa, a pulsação do tenente, que veio imediata, nervosa, trepidante, estremecida. Alvaro Augusto cumprimentou Maria Cristina como se estivesse quem cumprindo com o dever de comandante, obrigando protocolo de início de viagem. O militar e Maria Cristina falaram-se antes de qualquer diálogo, surgindo entre ambos uma comunhão cordial, unida. Conversaram sobre o viagem inaugural, sua importância para o progresso da Província, a beleza da paisagem, a dureza do percurso até Teresina. Brotou desse primeiro contacto, milhares simpatias, que cresceram durante os treze dias da viagem. Em seguida separaram-se as mãos e se separaram, pois o tenente aproveitou a oportunidade para cumprimentar os passageiros ao lado do imediato Luiz Serejo, inclusive apertar as mãos do coronel Holanda e da família. Com o coronel Holanda o tenente privou mais demoradamente. Ele desejava colocar os seus préstimos e quem alimentava admiração e respeito. Quando o comandante conversava com o coronel, Maria Cristina chegou, vindo juntar-se à família. Entra, surpresa e feliz, o tenente soube que a donzela que lhe impressionara era filha do militar que tanto admirava.

A primeira escala do vapor foi na ilha de São Francisco, a poucos quilômetros da barra do Igarapé, onde o porto das margens do Rio Matutino de longe com medo de embarcação de ferro, não querendo se aproximar de jeito nenhum. Os matutinos permaneciam nos barrancos ou trepados nas árvores frondosas das ribanceiras feito

A POPULAÇÃO RIBEIRINHA NUNCA HAVIA VISTO UM BARCO DAQUELE JEITO. ARREDIA E DESCONFIADA ASSISTIA, À DISTÂNCIA, A MOVIMENTAÇÃO DOS MARINHEIROS.

mucacos. Só as pessoas mais velhas, acostumadas a visitarem a cidade grande mudavam a carregada lenha para as caldeiras, procurando ganhar algum dinheiro para o sustento.

A população ribeirinha nunca havia visto um barco daquele jeito. Arredia e desconfiada assistia, à distância, a movimentação dos marinheiros. Não entendia porque o vapor subia a contentezza do Rio sem o júlio do sentido ou o sinal da vela comprida espetada no peito dos homens robustos. Se importava com aquela coisa esquisita gritando e soltando fumaça preta pelas ventas. Para essa gente humilde aquilo parecia arte da capeta. As pessoas da redondeza olhavam envergonhado, se berrando e esconjurando, enquanto as crianças de olhos arregalados esgoelavam desprendidas nas mãos, com medo do choque de ferro correndo dentro d'água feto doido.

Os passageiros debaixo do tombadilho gozavam o espetáculo em derredor, a natureza exuberante surgiendo o Rio e o temor infantil dos habitantes. Alguns zombavam insistentemente para os matutinos das margens, mas não recebiam qualquer gesto cordial. A romaria tomava conta das semblâncias. O vapor os dominava integralmente, sem tempo para cordialidades.

Maria Cristina também se encantava com a beleza das margens. Ao lado do pai e da mãe permaneceu por algum tempo olhando aquela gente rude e ignorante dominada pelo atraso e pelo superstição.

O vapor "Urucu" continuava o seu curso normal, singrando as águas barrentas do Rio, indiferente ao temor bobo das populações ribeirinhas.

Jacundino Koema, balizador, postado na proa do vapor, balizava rola na mão, experimentando a fundura do Rio, repetindo o gesto a cada instante. Preocupava-se com os barreiros e os bancos de areia. O comandante Alvaro Augusto de

Corvalho era acostumado às profundezas marítimas. Fazia a sua primeira viagem fluvial, ruim por que prestava atenção e dava real importância ao trabalho do preto baleador. Do seu posto de comando vigilava o preto Jacundino no balizamento do rio.

O COMANDANTE DE VEZ EM QUANDO OUVIA O Grito Gutural do Preto Jacundino Koema Anunciando a Quantidade de Palmos d'Água do Canal, Parecia Mais Importante do Que a Carta Teórica da Capitania.

O tenente não conhecia as variações periódicas do rio Parnaíba. Estava se orientando pela carta de navegação fornecida pela Capitania dos Portos. Conflava na habilidade profissional de muitos anos de marinagem, mas não podia desprezar o trabalho meticoloso do baleador.

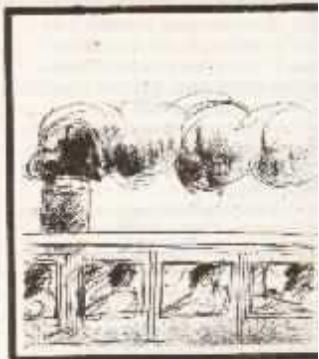
O comandante de vez em quando ouvia o grito gutural do preto Jacundino Koema anunciando a quantidade de palmos d'água do canal. Parecia mais importante do que a carta teórica da Capitania.

Jacundino Koema, negro reníni, espaldado, força de elefante, cara larga de olhos estilizados, beijos grossos com dentes da cor do leite, era conhecido e solicitado pelos embarcadores. Aprendera a labutar com a baliza desde o tempo da limpeza do rio, quando fora mandado para o serviço com outros companheiros escravos. Ele se tornara o chefe do bando. O fator *Manuel Carônico* tinha intensa confiança em Jacundino. Já havia esquecido completamente as arruaças dos primeiros tempos de escravidão. No tronco já se esquecera, pois fazia muito tempo que não era castigado. Chegara da África nos navios negreiros e fôr mandado diretamente para as Fazendas Nacionais. Jacundino Koema sabia muito bem da sua origem. Descendia de família nobre da sua tribo, a nação Kakaema. Fôr pegado pelos ingleses traficantes de negros, quando ele e outros companheiros caçavam desocupadamente na costa marítima. Um dia terrível para ele.

Nunca se esquecerá. Ficou uma hora quando o agarraram feito bicho, pois não podia entender aquela violência dos homens brancos. Não houve jeito de escapar, apesar de haver lutado feito um leão. Foi colocado a ferros e jogado no porão infectado de um navio com outros irmãos de infiúcio. Uma longa viagem de sofrimentos até a costa brasileira. Muitos companheiros não resistiram aos maltratos e à fome, morreram e foram jogados ao mar. Mas Jacundino Koema tinha fibra de leão. Era filho de chefe tribal, não sucumbiu facilmente. Já fazia muito tempo que se encontrava naquela região feito escravo. Perdeu o conta dos anos. A princípio sofreu com saudades da terra natal, da família, do tribo. Revoltou-se no começo contra o escravidão que lhe foi imposta, recebendo numerosos castigos. A liberdade para ele constituiu um bem imprescindível à vida, mas o tempo lhe ensinou que não adiantava se revoltar contra os brancos. Eles empunhavam a força bruta para reprimir e escravizar. Era a lei. Esperava com paciência o futuro. A escravidão não podia ser eterna. Um dia seriam quebrados os grilhões e libertada a sua raça.

Com essa filosofia de vida Jacundino Koema foi vencendo as vicissitudes, crescendo cada dia no conceito dos escravagistas, conquistando uma parcela da liberdade perdida. Quando o Governo recrutou os escravos das Fazendas Nacionais para a limpeza do rio, ele foi o escolhido para chefiar um bando. Ajudou na limpeza desde a barra do Litorânea até a barra do Igapó. Ficou conhecendo todo o canal navegável. Decorou todos os profundezas, além dos bairros e corredores. Sabia a variação das águas e suas correntes, a inundação dos bancos de areia. Fêz inúmeras viagens de inspeção para a Companhia Fluvial.

JACUNDINO SENTIU ORGULHO E RIU-SE A TOA PARA O TEMPO AGRADECEU AO DEUS OGUN DOS SEUS PAIS, SEM ESQUECER TAMBÉM O DEUS DOS BRANCOS, FAZENDO O SINAL DA CRUZ.



Jacundino Koema naquele dia, inauguração faro destacadão pelas Fazendas Nacionais para o serviço especial de balizamento do canal "Igarapé". O Governo reconheceu o valor do preto escravo, e sua habilidade de baleador. Jacundino sentiu orgulho e riu-se a toa para o tempo. Agradeceu ao Deus Ogum dos seus pais, sem esquecer também o Deus dos brancos, fazendo o sinal da cruz.

Enquanto fuzia a baliza da praia, Jacundino pensava no passado, na vida de escravo, sem esquecer um minuto sequer a sua obrigação na praia. Ele sabia que era escravo recomendado. Não podia desapontar o Governo e o fator *Manuel Carônico*. Um escravo que não quisesse mais saber de revolução. Não opôs a seus companheiros de senzala, ainda lutando com rebeldes, sonhando com o regresso à terra natal. Ele não queria viver mais de revolução, nem regressar pom a África. Já amava a terra brasileira, as Fazendas Nacionais, a Província de Piauí e desejava casar-se com a mulata Joana, com quem tem um mogote de filhos. Desde que botara os olhos na figura da negrinha nunca mais se esquecerá dela, do jeito gingado de caminhar do rio enfeitado. Conhecerá Joana Peixoto na sensala do capitão Euzebio da Silva Marques, na cidade de Parnaíba, quando lá estivera arranchado na era de cinquenta e quatro, ajudando a fazer o juro e clargamento do estreito do Igarapé. As Fazendas Nacionais renderam-me um capitão Euzebio para chefiar um bando de escravos, pois a sua habilidade de chefe de bando correu mundo, chegou aos ouvidos do armador da obra. Foi na festa de inauguração do canal que Jacundino entubou canhão co-



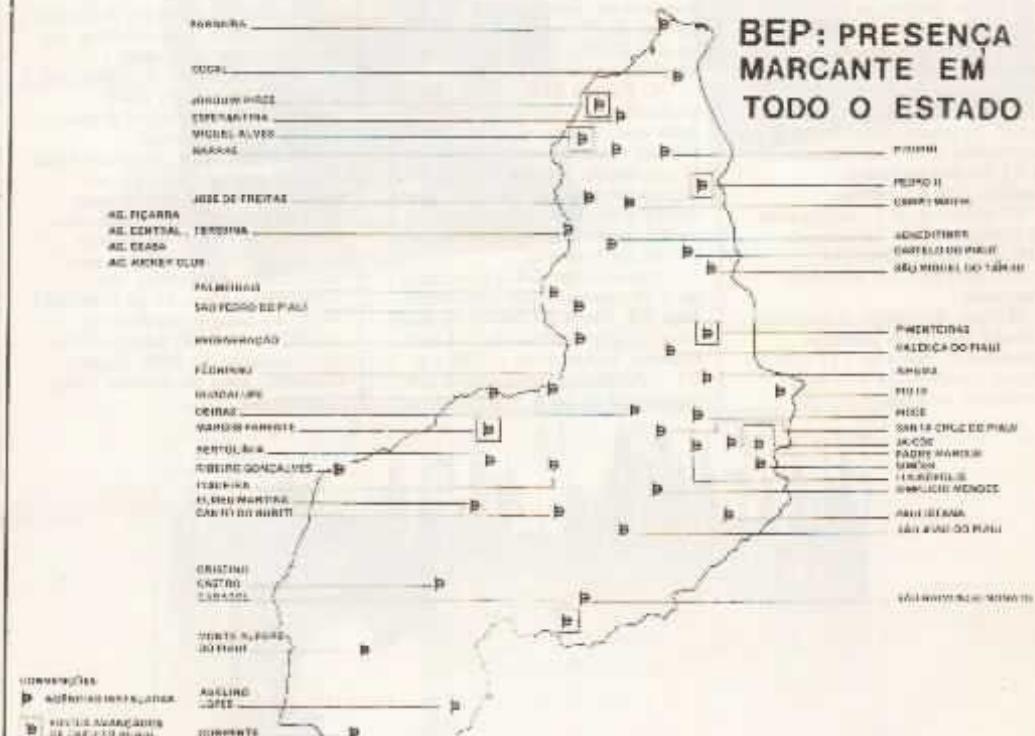
Juana, falando-lhe do casamento. Nessa época ainda cheirava o leite de peito. Enrubachou-se dela feito um danado e não queria outra mulher para fazer filhos. Contava ouvir a Parnalha para rezá-la e acertar o casamento. Já pensou muitas vezes no modo de tirar Juana da sensata da capitão Evaristo. De tanto pensar o juiz lhe urgia, ficava de cabeça nua. Sócio ser difícil tirá-la da Igreja, com tanta gente de olho no rebolado da negrinhos. Já devia ter algum trunco saído grelando a sua Juana. Ele se dirigiu para a seguinte mexesse com a negra de sua predileção, moraria o danudo.

Não possuía dinheiro para alforriá-la, mas havia de encontrar um jeito de resolver o problema. Furtá-la nem podia pensar, por que arriscaria a vida inutilmente, com tanto capitão-de-mato rondando a vila. Já decidira, não retornaria para Angola. Ficaria no Brasil por toda a vida,

Jacundino Koema se dedicaria de corpo e alma no seu ofício de baladeiro da Companhia Fluvial, com a licença do Governo, onde esperava libertar-se da escravidão.

Jacundino Koema jogou a bolha dentro d'água e galhou com toda a força dos pulmões:
Cinco pulmões de fundura!!

BEP: PRESENÇA MARCANTE EM TODO O ESTADO



PIAUÍ TERA A SUA FÁBRICA DE CERVEJA

ANTÁRTICA: MEIO BILHÃO DE IMPOSTOS EM MARÇO

A Antártica do Piauí será inaugurada no dia 11 de março, ainda na administração do Governador Lucílio Portella Nunes. Compre, portanto, o grupo empresarial Antártica compromisso assumido com o Governo do Estado, em 20 de novembro 81, quando do lançamento da pedra fundamental da futura indústria. Até 31 de janeiro foram investidos Cr\$ 6,5 bilhões.

O esquema de financiamento está composto com recursos da SUDENE e BNB, além dos recursos próprios dos acionistas majoritários.

A partir de março, a empresa recolherá aos cofres públicos, mensalmente, cerca de Cr\$ 500 milhões, tornando-se o maior contribuinte estadual e um dos

maiores de todo o Nordeste.

Gerará Cr\$ 1,2 bilhões de ICM anualmente, além de Cr\$ 3.716 milhões de IPI, perfazendo um total de Cr\$ 4.916 milhões de impostos estadual e federal.

O Projeto Antártica do Piauí, totalmente concluído em junho deste ano, terá consumido Cr\$ 8,5 bilhões, representando 13,5% (treze vírgula cinco p. cento) do orçamento estadual para 83. Entre receita e despesa, o Piauí estima gastos, neste exercício, de 63 bilhões de cruzeiros.

Raccolhendo Cr\$ 100 milhões de ICM mensalmente, representa hoje 9% (Nove p. cento) da atual arrecadação estadual de Cr\$ 890 milhões. Incluindo-se o ICM e o IPI, a Antártica representará um percentual de 36% (Cinquenta e

seis p. cento) sobre a arrecadação tributária estadual.

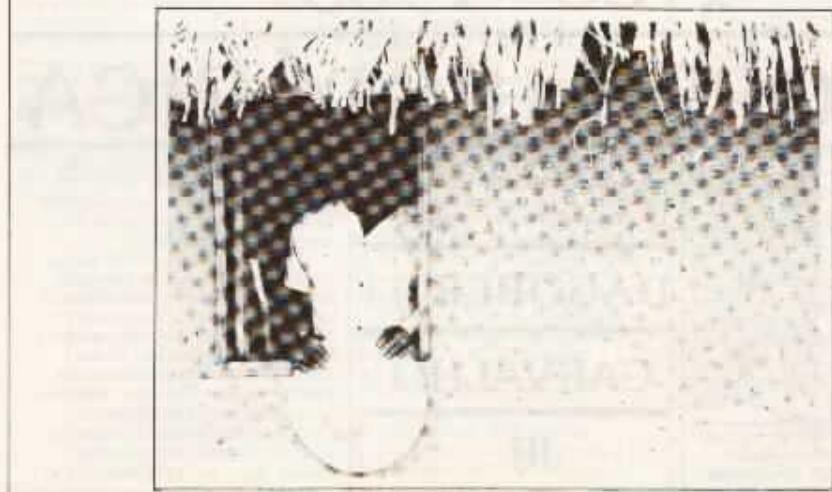
Gerará 755 empregos diretos e 3.775 indiretos, colocando-se em primeiro lugar no Estado.

O investimento da Antártica é o fato econômico de maior significado na história do Estado nos últimos trinta anos.

A inauguração, segundo fonte da empresa, contará com as presenças dos excelentíssimos senhores Mário David Andrade, Ministro de Estado do Interior, o Doutor Lucílio Portella Nunes, Governador do Estado; do Governador eleito Hugo Nogueira Neto, do Superintendente da SUDENE, Valfrido Soárez Filho, do Presidente do BNB, Camilo Colazzo, além de diversas outras autoridades.

**SECRETARIA DE INDÚSTRIA
E COMÉRCIO DO PIAUÍ**

ALCIDE FILHO



PATRIMÔNIO

FOTO SECOM-PI



CATEDRAL DE OEIRAS 1733 - 1983

SINOPSE HISTÓRICA

A Matriz de Nossa Senhora da Vitória de Olinda é o primeiro templo regular do Piauí e a mais antiga igreja da Igreja do Estado. Sua construção data de 1733. A ereção canônica, de 1696. Nesse ano, criou D. Frei Francisco de Lima, Bispo de Pernambuco, jurisdição eclesiástica a que então se sujeitava todo o Imenso Sertão de Rodelas, a Freguesia de Nossa Senhora da Vitória. O local escolhido, aceitas as salientes considerações do Padre Visitador Miguel de Carvalho em sua famosa

"Descrição do Sertão do Piauhy", publicada, depois, por Ernesto Ennes em "A Guerra nos Palmares", foi o Buijo da Mocha. A decisão

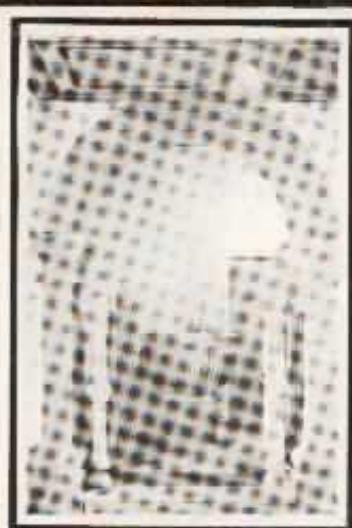
tomou-se na Fazenda Tratqueira em 11 de fevereiro de 1697, levando-se a afo que se transcreve pela importância documental do que para história registra.

"Ano do Nascim. to de Nossa Senhor Jeus Christo em mil e seiscentos e novanta e sete aos horze dias do mes de fev. ro. estando o R. do Vig. ro da vara o Licenciado Miguel Carvalho na faz. da Ibiaraj, se nra. casa da monada de Antônio Soares Thimóquio, menciou vir perante si os moradores nomadados na Pastoral q. trazia do Ilustríssimo e Reverendíssimo señor Bispo de Pernambuco, e ei:

DAGOBERTO

CARVALHO

JR



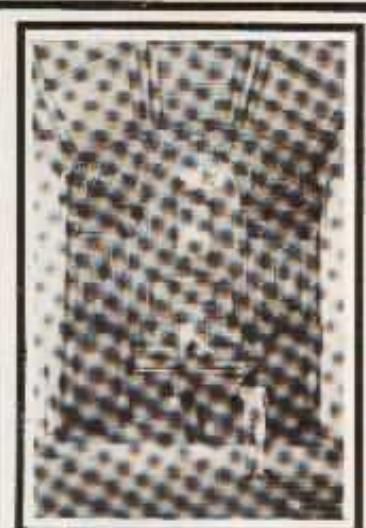
presence deles e dos mais Abayxo-assignados, e mandou ler, e declarar, por modu q. todos a entenderão e lhe pediu seos votos p. a eleição do lugar em q. se divia fundar a Nova Matriz de Nossa Senhora da Victoria, e Consultando entre todos, assentado, votarão, e determinarão, que se fundisse, e fizesse a Ig. in no Brejo, chamado a Mocha por ser a parte mais conveniente aos Moradores de toda a Povoação, ficando no meio della com Iguais distâncias, e Caminhos p. a todos os rioscos e partes povoadas e determinadas. Sobre dita parte, se elegerá p. a lugar de Ig. in e Casas do R. do cura, o boleiro que se achá pegado a passayem do latubá p. a parte do Canindé e p. a ruças e possais do R. do cura e Ig. in; consinarão os moradores todo o Brejo do sobre dito Riacho da Mocha, e de como assim o determinarão Mandou o R. do Vig. rio da vara fazer este termo, q. assignou com todos os q. Abayxo se Contem. E eu Antonio dos Santos e Costa escrivão eleito o escrivi.

Miguel D. Carvalho
Joseph Gracia
Ant^o da Cunha Sotto Mayor
Franc^o, Bez^o, Correa
João Alz. de Oliv^o
Franc^o Machado
Christovão de Britto de S.
Paljo
Antonin Soares Touguia
Franc^o Cardoso da Rosa
Pedro Nunes Pinheyro
Pe. Alz d'Oliv^o.

Ant^o. Dantes da Ass^o
Fico Dias de Siga
Anto Nunes Barreto".

Já a 2 de março de 1697, estava solenemente inaugurado, de taipa e pindebo, o primeiro templo regular do Piauí em derredor do qual prosperaria a povoação da Mocha. Esta capela primitiva constava, diz o termo, "de 24 palmos de comprido e doze de largo, feita com a decência possível... Com um altar feito de tábuas com nove palmos de comprido e quatro de largo... Mas, já naquele dia recuado em que "deu o Rev. Vigário da Vara posse ao novo Curia o Rev. Lacerlano Thomé de Carvalho e Silva, de nova capela, com todas as cerimônias costumadas de fechar e abrir portas, consertar altar, abrir e fechar missal, estender e dobrar corporais, dobrar e desdobrar ornamentos e ultimamente jendo publicamente ao povo a Provisão que trazia do Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo de Pernambuco", benzeu também o Padre Miguel "um quadro que de redor da capela consignou com marcos de peira para sepultura de defuntos e donde se há de fazer a nova igreja, o qual tem cem passos de comprido e sessenta de largo". A atual matriz de Oeiras, igreja primacial do Piauí, estava, portanto, nos planos imediatos dos fundadores da freguesia. Thomé de Carvalho, Vigário fundador, foi quem a construiu, como hoje a temos, de pedra e saibro, inaugurando-a trinta e seis anos depois da benção da primeira capela. O documento maior, é, sem dúvida, a inscrição latina contida em arranjo floral sobre a portada da nave. IHC EST
DOMUS DOMINI FIRMITER
AEDIFICATA ANNO DOMINI
1733.

A própria cidade é, bem podemos dizer, um presente da Igreja de Nossa Senhora da Vitória. Criada a freguesia em 1696, definitu-se o povoamento. Em 1712, veio a Vila da Mocha que se instalou solenemente em 26 de dezembro de 1717. No ano seguinte criou-se a Capitania. Em 1758 nomeou-se o primeiro governador. Em 1761 impôs João Pereira Caldas, investido nesse função a 29 de setembro de 1759, o nome

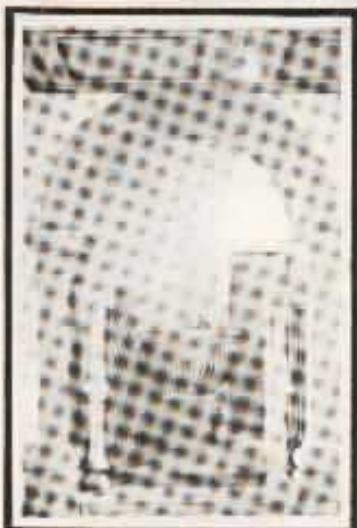


Deltas à Vila da Mocha. Homenageava assim o Ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, então Conde de Oeiras, depois Marquês de Pombal. A Capitania da Pereira Caldas o nome de São José do Piauí, em honra de S. M. o Senhor D. José. Oeiras foi capital do Estado até 1852.

Também a história religiosa do Piauí prende-se de tal modo à Matriz de Oeiras que de uma não se pode falar sem que da outra muito se diga. Sedi do Vicariato geral do Piauí desde 1769 até o governo eclesiástico do Cônego João de Sousa Martins (1841-1871), foi a referida igreja cogitada inúmeras vezes para Catedral da Diocese do Piauí. Se tal não chegou em virtude da mudança do governo temporal - a diocese do Piauí só foi criada pela Bula Supremum Catholicum Eclesiam de 10 de março de 1901 e, desde 1944, sede da Diocese de Oeiras.

As reformas porque passou a igreja não foram muitas nem a descharacterizaram a ponto de não a podermos ler como monumento maior do Piauí. De arte e de fá. De história, sobretudo. É monumento tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e foi recentemente restaurada pelo Programa de Cidades Históricas e Coloniais do Nordeste, da Secretaria de Planejamento da Presidência da República.

Dagoberto Carvalho Jr., ex-Presidente do Instituto Histórico de Oeiras.



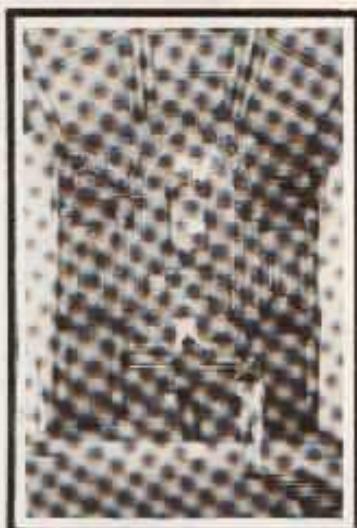
presence delles e dos mais Abayxo assinados, a mandou ler, e declarar, por moco q. todos a entenderão e lhe perdiu seos votos p. a eleição do lugar em q. se divia funeral a Nova Matriz de Nossa Senhora da Victoria, e Consultando entre todos, asentaram, votaram, e determinaram, que se fundasse, e fosse a lg. ia no Brejo, chernado a Mocha por ser a parte mais conveniente aos Moradores de toda a Povoação, ficando no meio della com iguais distâncias, e Caminhos p. a todos os rioscos e partes povoadas e determinadas a Sobre dita parte, se elegerá p. a lugar da lg. ia e Casas do R. do cura, o leboleiro que se acha pégado a passagem do Janubá p. a parte do Canindé e p. a rocas e possais do R. do cura e lg. ia, cunharam os moradores tudo o Brejo do sobre dito Rancho da Mocha, e de como assim o determinaram Mandou o R. do Vig. rio de vira fazer este termo, q. assinou com todos os q. Abayxo se Contem. E eu Antonio dos Santos e Costa escrivão eleito o escrivi.

Miguel D. Carvalho
Joseph Gracia
Ant^o da Cunha Sotto Mayor
Franc^o Bez^o Correa
João Alz. de Oliveira
Franc^o. Machado
Christovão de Britto de S.
Paijo
Antonio Soares Touguia
Franc^o. Cardoso da Rosa
Pedro Nunes Pitheyro
Pe. Alz. d'Olivra.

Ant^o Dantes de Azevedo
Franc^o Dias de Siqueira
Anto Nunes Barreto

Já a 2 de março de 1697, estava solenemente inaugurado, de taipa e piedra, o primeiro templo regular do Piauí em derredor do qual prosperaria a povoação da Mocha. Esta plantada entre nós a semente da fé. Esta capela primitiva constava, da o termo, "de 24 palmos de comprido e doze de largo, feita com a decência possível. Com um altar feito de tábua com nove palmos de comprido e quatro de largo... Mas, já naquela data recuava em que "deu o Rev. Vigário da Vara posse ao novo Curia o Rev. Licenciado Thomé de Carvalho e Silva, da nova capela, com todas as cerimônias costumeiras de fechar e abrir portas, converter altar, abrir e fechar missal, estender e dobrar corporais, dobrar e desdobrar ornamentos e ultimamente lendo publicamente ao povo a Provisão que trazia do Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo de Pernambuco", benzeu também o Padre Miguel "um quadro que de autor da capela consignava com marcos da pedra para sepultura de defuntos e donde se há de fazer a nova igreja, o qual tem com passos de comprido e sessenta de largo". A atual matriz de Oeiras, igreja primacial do Piauí, estava, portanto, nos planos imediatos dos fundadores da freguesia. Thomé de Carvalho, Vigário fundador foi quem a construiu, como hoje a temos, de pedra e salão, inaugurando a trinta e seis anos depois da benção da primeira capela. O documento maior, é, sem dúvida, a inscrição latina contida em anelio floral sobre a portada da nova: HOC EST DOMUS DOMINI - FIRMITER AEDIFICATA ANNO DOMINI 1733.

A própria cidade é, bem podemos dizer, um presente da Igreja de Nossa Senhora da Vitória. Criada a freguesia em 1696, definiu-se o povoamento. Em 1712, veio a Vila da Mocha que se instalou solenemente em 26 de dezembro de 1717. No ano seguinte criou-se a Capitania. Em 1758 nomeou-se o primeiro governador. Em 13 de novembro de 1761 impôs João Pereira Caldas, investido nessa função a 29 de setembro de 1759, o nome



Oeiras à Vila da Mocha. Homenageava assim o Ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, então Conde de Oeiras, depois Marquês de Pombal. A Capitania da Pereira Caldas o nome de São José do Piauí, em honra de S. M. o Senhor D. José. Oeiras foi capital do Estado até 1852.

Também a história religiosa do Piauí prende-se de tal modo à Matriz de Oeiras que de uma não se pode falar sem que da outra muito se diga. Sede do Vicariato geral do Piauí desde 1769 até o governo eclesiástico do Cônego João de Sousa Martins (1840-1871), foi a referida igreja cogitada inúmeras vezes para Catedral da Diocese do Piauí. Se a tal não chegou em virtude da mudança do governo temporal - a, diocese do Piauí só foi criada pela Bula Supremum Catoicum Ecclesiarum de 10 de março de 1901 - é, desde 1944, sede da Diocese de Oeiras.

As reformas porque passou a igreja não foram muitas nem a descharacterizaram a ponto de não a podermos ter como monumento maior do Piauí. De arte e de fé. De história, sobretudo. É monumento tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e foi recentemente restaurada pelo Programa de Cidades Históricas e Coloniais do Nordeste, da Secretaria de Planejamento da Presidência da República.

Dagoberto Carvalho Jr., ex-Presidente do Instituto Histórico de Oeiras.

AURELIANO MÜLLER



POEMAS

PERENIDADE

Mesmo que fosse alfero e falaz,
seria tanto enlevo a suma glória...
No frácimo de tempo dos meus êxtases
eflui a sideral eternidade!

Não sinto a dor de quem se atrela às horas
e presente no idílio vespertino
a necrose fáldica do sonho
e a consequente síncope do amor.

Por que negar-me aos arrebatamentos,
envolver-me na cifra dos presságios
e no acervo das ânsias pôr a angústia?

Alheio à citológica erosão,
estrangulo o pretérito e o porvir
nas contorções orgâsticas do instante.

RIBAMAR RAMOS

MADRUGADA A DENTRO

E você chega assim
desse jeito
abriindo veredas no meu coração
eu continuo andando nas ruas
com meus passos lentos
madrugada adentro
meu olhar eterno
arrastando alguns anos de solidão
Um golpe aqui
um grile ali
um poema brilhando no peito
E você chega assim
desse jeito
abriindo
invadindo
ascendendo uma chama no meu
coração

WILLIAM MELO SOARES

TERESINA

Theresina
é um País à margem
do rio Parnaíba
onde Alice, Paris?
marAvilha o sonho de meus IRmãos

Theresina:

Theresina e usina.

Indias virgens versejam
terreiros
batucam
tambores
a fogo
afago.
Theresa Cristina
é aqui, aqui dentro:
/umA/Chapada/eM/Coriscos/

theresina:

THERESINA

Teresina

TERESINA

acorda com PARdais
de meia em meia hora
passa
ônibus pra Timon.

WILTON SANTOS

**QUEM CONHECE A LINHA VW 83
VAI CONHECER O BRASIL DE VW 83**

PARTICIPE

10 VOLKSWAGEN E 10.000 LITROS DE COMBUSTÍVEL EM PRÊMIOS.



Você pode ganhar um veículo Volkswagen e mais 1.000 litros de combustível para rodar o Brasil de ponta a ponta, só apresentando a sua Carteira de Habilitação no grande Concurso "Novidades VW 83".



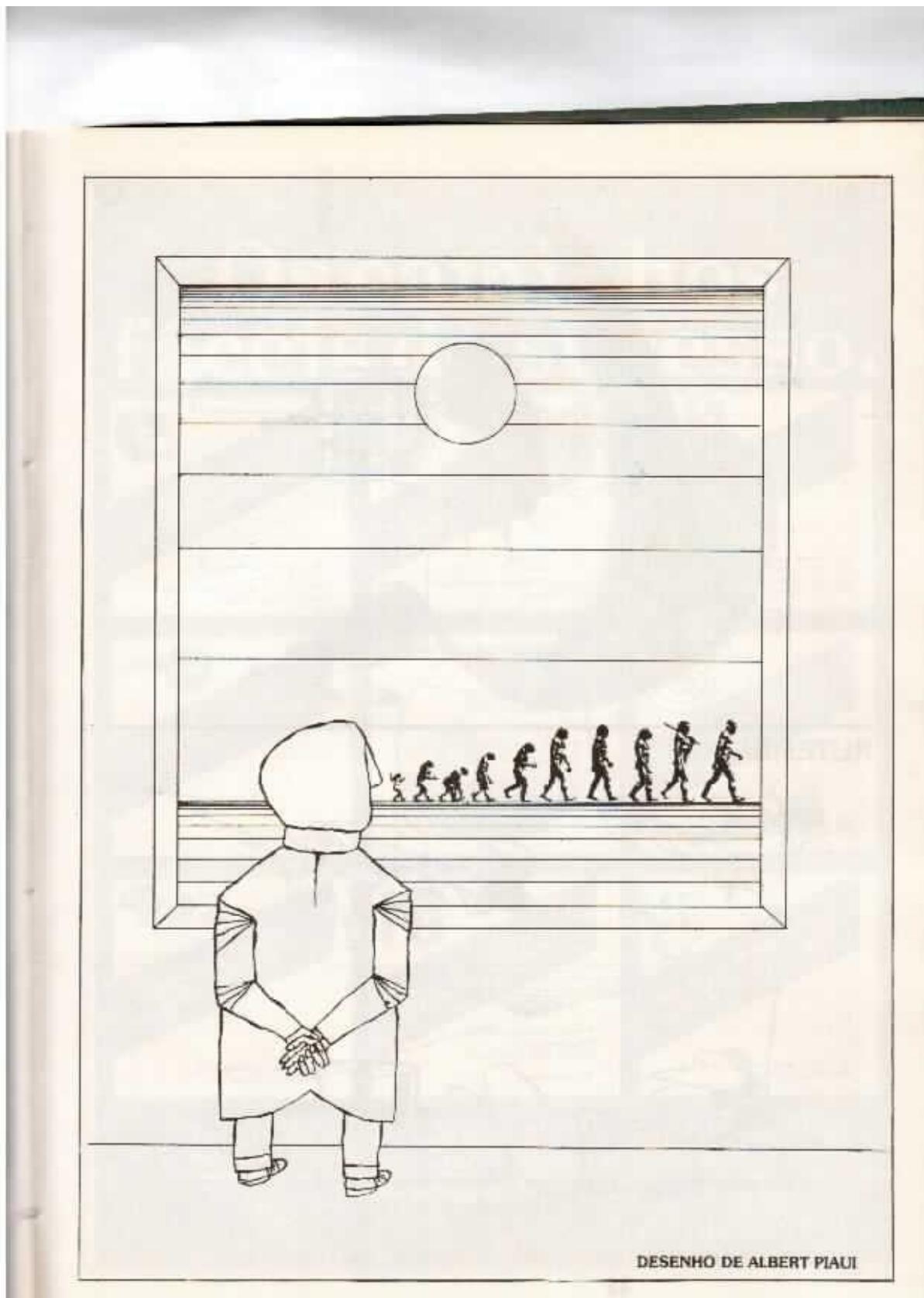
E a coisa mais fácil é participar: basta comparecer a este Concessionário o Volkswagen e preencher o cupom assinando as principais inovações da Linha VW 83. Aqui você encontrará o seu cupom, os veículos da Linha VW 83 e também farto material de consulta.



Mais venha logo, porque quanto antes você participar, mais chances terá de ganhar. Estamos esperando por você.

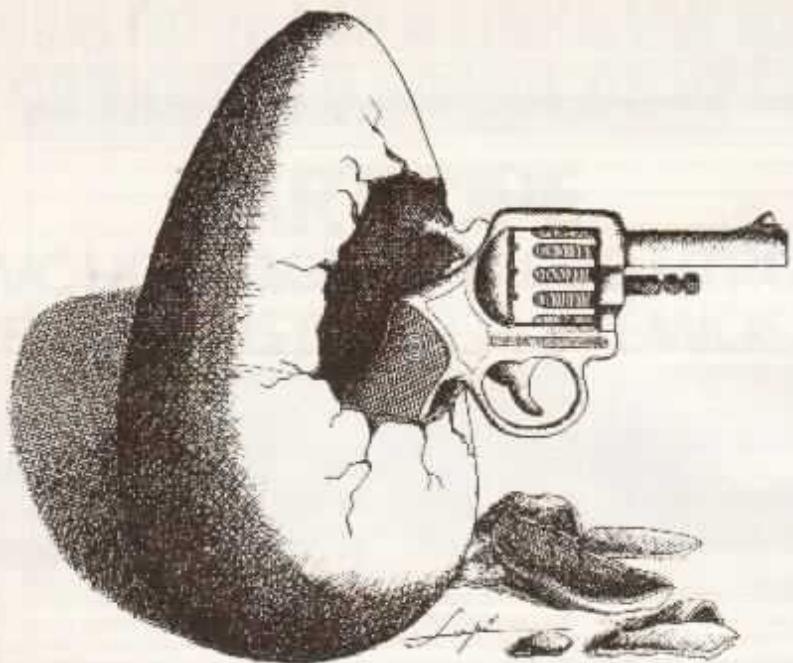
VEMOSA



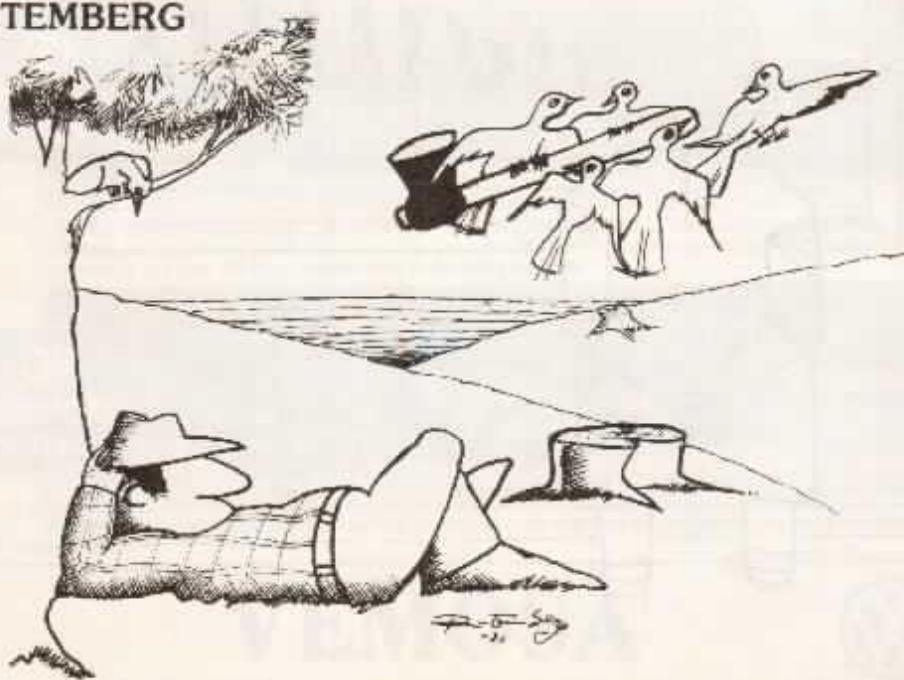


DESENHO DE ALBERT PIAU

LAPI



RUTEMBERG



Os caminhos fáceis do sucesso.



GUADALAJARA S/A
INDUSTRIA DE ROUPAS

Av. Presidente Médici, 1300
Geral: 222-3411
Departamento de Vendas: 222-7097
Administrativo: 222-7053



ESTADO GRÁFICA
ESTADO DO PIAUÍ LTDA

Rua Desembargador Freitas, 602
Geral: 222-7225



SOCIIMOL
DE COLCHÕES E MÓVEIS LTDA

Avenida Presidente Médici, 1300
Tel: 222-6036 • Diretoria: 222-6037
Administrativo: 222-6038
Dep. de Vendas: 222-6003 • 222-6039



TRANSPORTADORA
PIAUENSE LTDA

Rua João Cabral, 807-N
Tel: 222-6900



CONSTRUTORA
SUCESSO LTDA

Av. Presidente Médici, 1300
Diretoria: 222-6758



INDÚSTRIA TEXTIL
MAFRENSE S/A

Av. Presidente Médici, 1300
E-mail: 222-7053



INDÚSTRIA
TÊXIL METIDIERI S/A

Av. Reverendo José Manoel
da Comunicação, 1099
Fone: FAX (0182) 43.14.21
Universitário - SF.



SUCESSO PROMOTORA
DE VENDAS S/C LTDA

Rua Desembargador Freitas, 608
Diretoria: 222-6900

O Grupo Cláudio e Cia, tem uma linha aberta com você. Aqui estão, bem fácil e à mão, todos os seus telefones. Os caminhos fáceis para você chegar ao sucesso na moda, no lar, no conforto, na comunicação, no crédito. Ligue quando precisar.

Do outro lado sempre estará um amigo.

GERAIS



DISCUSSÃO ABERTA

Há pouco tempo atrás recebi o convite do Dr. Paulo Nunes para coordenar o Projeto Torquato Neto, um projeto voltado principalmente para a difusão do trabalho artístico dos grupos e artistas individuais do Piauí. Confesso que, a princípio, resistei.

Primo, em função dos meus outros afazeres que, exatamente neste período, vinham num crescendo; e, segundo, porque, na minha concepção, eu não conseguia coordenar tecnicamente bem e ainda participar como convidado, pois a esta altura já havia sido feito o comitê pelo Viriato Coimbra.

Mas essas divisões foram dissolvidas pela possibilidade de tentarmos fazer um trabalho em que todos os participantes convidados atuassem em torno o desenvolver do Projeto influenciando decisões, pois a minha presença na coordenação seria essa garantia, além de representar uma chance de, juntos, repensarmos o Projeto e sentir de perto as dificuldades que cercam a implementação de ações no campo cultural sempre colocada como uma das prioridades na retórica oficial rumo ao desenvolvimento, mas sempre escondida na prática, pois "cultura não enche barriga e nem gera emprego em número significativo".

Acho, sinceramente, que a coisa merece critérios mais reais e

responsáveis. O movimento artístico do Piauí está presentemente num impasse: precisa crescer pela necessidade imposta pelo excelente nível que atingiu e, por outro lado, não dispõe de acesso adequado aos meios de comunicação - até mesmo pela excessiva centralização do eixo Rio/São Paulo - para fazer chegar essas legítimas manifestações de um segmento do nosso povo a um número cada vez maior de pessoas - razão maior de ser do trabalho artístico - de forma a fechar o ciclo criativo.

Acreditamos ser possível, através do Projeto Torquato Neto, abrirmos o leque e vislumbrar ações no sentido de desenvolvermos mecanismos de apoio às manifestações artísticas do povo piauiense.

Cumpre, portanto, repensar o projeto específico para o 'entre', a manter-se, na essência, como um projeto musical, muito embora não despreze a possibilidade de entendermos a sua ação a outras áreas. E por que não? Já que não há um projeto específico para o Teatro, a poesia, as artes plásticas, etc., etc., por que excluí-las de um que tem amplas possibilidades de fazê-lo?

No nossa concepção, o Projeto Torquato Neto poderá ser o maior condutor de ações organizadas no campo das artes no Piauí. Até mesmo se observarmos o porte e a importância da obra do poeta que empresta seu nome ao evento, veremos que faz sentido a colocação. Torquato atuou em diversos campos: poeta, letrista, cineasta, ator, diretor de cinema, jornalista, produtor de discos, etc., etc. Outra coisa: as ações do Projeto não devem limitar-se a um curto espaço de tempo, comum vem sendo até hoje. Ela precisa perenizar-se no tempo.

Em verdade o PTN não pretende ser um evento isolado. Este não tem sentido porque paternalista e o artista consciente não aceita paternalismos. Sua arte merece respeito e condições para desenvolver-se. Alguém duvida da beleza e da força da arte piauiense?

GEORGE MENDES

DA PERIERGIA

"Entendo que o escritor deve ser mais liberto desses compromissos estritamente gramaticais".

- O. G. Rego de Carvalho

Foi uma boa noite grande escritor haver afirmado isto na entrevista

publicada na revista Presença nº 5. E melhor teria sido se o autor de RIO SUBTERRÂNEO tivesse mandado à levar os chamados "compromissos com a linguagem".

Não estou afirmando que a linguagem chula e imbecilizada deva prevalecer, escou, diante, meu irmão, é que há autores tão rebustados, tão cheios de tirulas, que são lidos por masoquistas. Então, pergunto: por que isso acontece? É simples: a mentalidade é a de que o ESCRITOR não é igual ao comum dos mortais, e portanto deve escrever de maneira tal que somente a reduzida casta de iluminados (feito o próprio entender o espírito da coisa). Não importa o público leitor. Esse que vê roçar o traseiro nas costas; esse que paga pelo livro e depois curta o drama. O que importa é que os amigos aplaudam; o importante é receber tapinhas nas costas:

- Teu livro está fora-de-série. Aguarda só a matéria que vou publicar nos jornais da terra!

São desses escritores que escrevem normalmente o conto, o romance, e em seguida param a procura obsessiva de sinônimos malucos.

- O que não é dizer meus três amigos se eu deixar de incluir palavras indecifráveis. Quem já não queriu as pestanas tentando dificultar o próprio leitor, empanturando-o de termos complexos, principalmente quando se trata de obra visando a concursinho?

Depois os iluminados reclamam: não há leitores. Como haver leitores, minus caros cabeças duras se a linguagem é inacessível? Como haver leitores, se muitas vezes a linguagem heterogênea é utilizada exatamente para disfarçar a ausência de CONTEÚDO, para encher de inglês o nada? Que reclamam.

Alguém já disse escrever é fácil, ou integralmente impossível.

Quanto à palavra que dá título a esse texto, lá vai o que o Aurélio: "PERIERGIA: Apuro excessivo de linguagem".

Sacaram?

(DODÓ MACÊDO)

ARQUITETURA DO SER

A crítica é necessária, não obstante a advertência de Caetano

Veloso, a mais recente: "a crítica que não baque na poesia".

Ora, não vejo como o porque os poetas não desejarem ser criticados, não é, bicos de outra forma. Porque a obra de arte admite muitas leituras. Cabecei, eu já disse e repito, a amar. Uma das formas de amar. Escutar e julgar. Não é preulgar. Não é procurar. E, cosa séria, decurso de uma cosa criadora. Os poetas não podem ficar intrigados com a crítica. Além, nem temos critica. As ultimidades da crítica, mesmo dentro do deserto, levantam os ânimos dos criadores, dos poetas, contestes e românticos. Faz que não desejem ser bicos de outra forma, com outra rido?

Não é verdade que os poetas não admiram a crítica. O Coefano Veivais deve se referir a outra coisa, talvez à crítica dimidiada, um desabafo. E, nesse desabafo faz a sua crítica à crítica.

Pois bem, nem meia de que não tinha feito essa sua leitura aprimorada de poemas.

"ARQUITETURA DO SER", do poeta Carnalini Neto, é, nosso conhecido de outros trabalhos. E logo de entrada depara-me com o seguinte verso, realmente arquitetural em sua forma de poesia:

"A liberdade está acima da porta" (Pg. 12).

Objetar diria que também pode estar dentro e não nos libertarmos apreendendo. É certo que o poeta encontra a poesia de si, antes da poesia do mundo. Mas o "depois da porta" de Carnalini Neto pode significar mesmo a rua, a praça, o povo, não uma luta dentro de si mesmo. Pois o seu fazer produtivo tem a natureza do bom trabalho, da reflexão, da arte da arte. Carnalini Neto não esconde suas influências. De Castro Alves a Tiago de Mello, todos lheus, todos idiossincrasias, amalgamadas e diversificadas, intrinsecando-se no seu próprio estilo único tropicalista. Diríamos que de Tonquato Neto, pouco coisa em seu conceito, a não ser o vocalismo do compositor, o ritmo mediado para a música.

Outro poema que me tocou está no final do livro.

"Desdemona":

"Quero versos desculpas
como heras em muros secundares,
quero a rica pobreza dos mísicos
abrigando tocos e surdos
no coração do mundo"

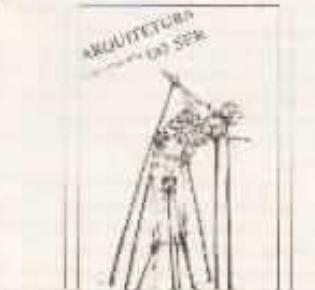
(Pg. 40).
Os versos desculpas são

aqueles que não precisam ser do chão em que pisamos, do coração que nos ama, da nossa terra e dos nossos costumes, da nossa gente e do nosso idioma. Seria a poesia pura e simples da cideio e do nosso coração batendo contra o prato. Não digo que os poetas brasileiros de hoje tenham alcançado isto. Nem Drummond, nem Cabral de Melo Neto ou Fernando Calhar. Mas não custa nadar nisso, eu e Carnalini Neto, pensamento puro e queremos alcançar aquela canção que "joga acordar os homens e adormecer as crianças". Adormecer as crianças não é fácil, mas se consegue. Acordar os homens é que nem sempre foi possível, no Brasil então é tarefa hercúlea. De todos os poetas e de todos os sábios. De todos nós humanos. Os que percam, os que erram, os que malharam.

Em todo caso, estamos no caminho porque, ainda com Carlos Drummond de Andrade, podemos dizer que "é humana "mão dos difidores" e estómas de olho nos demolidores".

Para não ficar nupi, as duas citações de Carnalini Neto, desse paciente a beleza e a força de "Thiagó" e "Legado Político". Mas a canção de nome "Mergulho" também está bem o folgo. E não faz mal por termos poetas dessa natureza, poeta digno do nome e do verso, do dor e de outras sensibilidades inspiradoras e trágicas para o poema. Pau! parabéns. Nossa geração acredita na poesia e construiu algumas ideias de que "ARQUITETURA DO SER" é um exemplo.

FRANCISCO MIGUEL DE MOURA



A POESIA DE ODYLO COSTA, FILHO

Herculano Moura

"Anjo, toma, cultiva a erva
medicinal de flores angelas"
(Rilke - Elegias de Duino).

Habilmente um pouco elatante da poesia de Odylo. Propus-me a alegria de partilhar-lhe os caminhamentos do sonho, nessa tentativa quase impossível de explicar de a exegese e o sentimento

De princípio a reflexão religiosa tomou vulto. Ironicamente e alma, creio se quisesse provar que Odylo Costa, filho, buscava uma explicação. Mas a poesia de Odylo, muitas vezes limitada à estrutura definitiva de um soneto, não limita o sentimento, nem o amor, nem seu reflexo cósmico sobre a vida e o sonho, a vertigem e a lucidez. E de repente volta-nos a definição de Hamm-Delacroix, para quem o sentimento estético é passível da educação. Lembra que Odylo é um dos poucos poetas no Brasil que, ultrapassando o sentimento à limitação do soneto, é capaz de sentir-se bem como uma galvota no ilimitado universo das 10 versas.

Mas essa reflexão vieram antes da combinação Odylo Costa, filho, a sua poesia, de sentir-se a simplicidade, avulsa, mesmo puramente, a estrutura que fez de Nazareth o anjo errante, a criatura que significa o mundo e a própria vida para o poeta. Basta uma palavra para entender um soneto. Um grito, uma atitude. Por isso isso não é difícil a explicação de uma poesia que parte da vida, do amor, da terra para o infinito, para a mortalidade. Vida, amor, terra. São estas as bases nucleares da poesia de Odylo. Os primeiros anjos, que pertencem tráfegos da religião profética, são proáticos de sua existência, de sua convivência, da terra que Nazareni transfigurou e do desenho ampliado de menino de grande poeta. Não foi Joaquim Nabuco quem disse que o Homem é o desenho ampliado da criança?

Interessante é esta concepção da liberdade contida na construção rítmica de um soneto. Ali o poeta se senta mais longe, mais anjo, mais forte, mais Deus. Diferentemente da morte, que não conseguem a mesma tensão com a mesma segurança. Dentro dessa estrutura o poeta revela as raízes mais profundas da poesia, talvez a Europeia, a ibérica, que ali a tradição conduziu o poeta a uma atitude esotérica do mundo, a uma explicação quase metafísica da existência. E é aí que homem e menino, anjo e demônio, se misturam, sem que se perceba nenhuma a força individual de cada ser. Por isso Odylo Costa, filho, não se converte. Transfomar-se o poeta huma-

GERAIS



espécie de juiz, o analista das contradições do mundo.

E nesse vasto ampliar do universo, Campo Maior se projeta com suas planícies e Odílio retorna, quase sempre, às suas vestes-pintadas. Por vezes, o labor poético se confundir no sentimento que traz à alma a lembrança do que foi.

Lembro-me de Fernando Pessoa, o deus-metido, a visão bastante pessoal das coisas e da natureza. Mas o deus de Odílio é o amôz terrimento humano. A natureza das coisas não se dilui entre a visão mística de "uma rosa natural ou artificial". Ali é que a poesia transforma o homem. E é o que a força do amor a conduz à vida.

Não tenho razão de incluir Odílio Costa, filho, entre os maiores poetas brasileiros de todos os tempos. Podaria até compará-lo a Mário Quintana nos excentricismos que o motivam, se fosse maior que o homem, poeta criado no lindo de Cunha Menino de Almeida na foga do sonho e na missão que propõe o sacramento da vida: talvez pudesse até identificá-lo com Mauro Mota e Joaquim Cardoso, Cecília Meireles e Celso Drummond, no levantamento das raízes da terra. Mas essas comparações seriam um absurdo. Não existe poeta semelhante. Cate um nem sua missão, critica, permanece, eterna. Odílio Costa, filho, é um só poeta. Aquilo que veio para mostrar que a "luta calada é mitragem num clô de campo deserto".

A PAZ DO PÂNTANO

"A cidade conhece os seus e só a eles se entrega sem reservas"
Cineas Santos

A Paz do Pântano, artigo de Júlio, é um poema ditum poeta consciente do seu papel perante a sociedade que, acreditando na força das palavras (potros bravos, em sua definição) se propõe a devolver os segredos desta pequena cidade situada na zona sôrdida deste país de macaculhas. É missão difícil, e o poeta sabe: mas vai em frente pelo amor que tem por esta cidade e quem ele tanto ama e venera.

Porém, como sempre, o amor atrai o ódio, e o poeta sente isso e é mais forte na sua convicção da amizade aúnia e, sobretudo, faz a ponto de revelar que:

"Não importa que o presente me apunhalé,
Desço o ódio
dos que desconhecem como é
difícil penetrar
no âmago das vidas proibidas
e aceder aos nomens".

Paulo Machado acredita que ainda existem homens capazes de vencer as barreiras que os cercam para guerrares neste batalha antímedo contra as gerações da medo para a libertação do seu povo. Para se comegar esta batalha, é necessário, antes, porém, desvendar os segredos da cidade. E necessário desfazer os enigmas, lembrar os fantesmes e, principalmente, suscitar as muitas ilusões abafadas e as vergonhas que as famílias guardam no fundo das gavetas.

Eis a proposta do poeta neste livro, que é ao mesmo tempo protesto e revolta contra aqueles que estão transformando esta cidade, a cada dia que passa, numa cidade cheia de medo, insegurança e solidão, um "corredor de tâmas invisíveis".

"Minha cidade já ouvi morrer
muitos homens e silêncios.
E este silêncio é malha
que não basta ter medo de homens,
para aprender que a vida

se escreve com a melhor letra".

Paulo Machado é um poeta jovem em idade, entretanto já há ruídos à marca do escritor farimônico, farimônio essa adquirida pelas lógicas diárias com os potros bravos. Neve livro podemos observar o avanço de sua linguagem, a tal ponto de não escrever mais o que não seja o indispensável. É uma linguagem sem acentos, sem os entelés de escritores que pensam que as bases são como aquelas mulheres feitas que só saem com quilos e mais quilos de produtos amadurecedores (sic) no seu corpo, principalmente nas faces, que ficam cobertas pela máscara cosmética. Podemos observar que, agindo assim, escondeem o que é essencial. De outra forma, não. De imediato percebemos que o essencial está à flor da pele, bem à nossa vista.

Niça de dia, portanto, que Paulo Machado seja uma promessa de escritor porque ele já é um escritor, o que só está provado, tanto na prosa quanto na poética. Não vamos citar os livros anteriores e nem as prêmias que conquistou (alguns de nível nacional) para provar esse axioma. Os felizes acomodados que lezem *A Paz do Pântano*, livro premiado em 1974, pela Academia Piauense de Letras, com o primeiro lugar do Concurso de Poesia Odílio Costa, filho, e que somente será publicado em 1982, quatro anos depois, graças aos esforços obstinados do editor Cineas Santos, do artista plástico Fernando Costa, do diagramador Rogério, da revisora Jô Leal e do impressor Florenzo, com participação da Nivaldo Carvalho, por sua foto na contracapa. Impresso na estúdio Oficina de Arte, com selo das Lábeas Contas.

KENARD KRUEL

a paz do pântano
Paulo Machado



UM POUCO DE O. G. REGO.



No número 06 desta revista, órgão da Secretaria de Cultura do Piauí, respondendo a uma pergunta formulada em entrevista que concedeu ao jornalista Cíntio Santos, o Sr. O. G. Rego declarou, em tom de zombia, e para provar o desestímulo por parte dos professores aos alunos, os colégios de Teresina, o seguinte:

"A razão da minha violenta digressão com o meio decorre do fato de meus professores da antiga Faculdade de Direito não acitarem a contribuição de nenhum escritor jovem. Só para ilustrar, posso citar o caso de um aluno que resolveu mostrar um poema de sua autoria ao famoso professor Valdemar Sandes, no Colégio Ateneu. O mestre massacrou o pobre rapaz, apontando incorreções em todo tipo no poema. O rapaz ficou tão magoado que pegou um soneto de Olavo Bilac, desses menos conhecidos, e levou para o mestre, afirmando que era seu. Com a mesma violência, o professor conseguiu a corrigir os erros de Olavo Bilac. Terminada a correção, o aluno leva o texto de volta e no dia seguinte traz o livro de Olavo Bilac onde estava publicado o soneto. Percebindo o ridículo em que caiu, o professor não se conformou e saiu correndo atrás do aluno, para provar que a página fora amendada no livro."

Assseguro, inicialmente, que o episódio acima narrado é totalmente desvirtuado de fundamento, pelo menos na parte que me diz respeito.

Quem me conhece sabe que sempre exerci o meu magistério com absoluta compostura e dignidade. Calculo, mesmo, que foi apoiado no apreço que sempre devotei aos jovens que me projetei

no mundo em que vivo e onde consegui a estima de muitos, admiração de alguns e o respeito de todos.

Sinceramente, não sei se existiu tal professor e tal estudante Se, apenas, que o Sr. O. G. Rego se refere ao tempo em que ele próprio era aluno do Colégio Ateneu, denominado, tão logo ele concluiu o curso gnasial, de Colégio Luso XIII.

In�elizmente, não disponho de elementos com que prove a existência desse estudante e desse professor. Mas se eles realmente existiram, é possível que tenha sido O. G. Rego esse estudante, e o professor, um dos tantos com os quais o pequeno O. G. Rego assistiu às aulas de nívelamento em Português e Matemática, disciplinas em que ele sempre se honrou como aluno de ponca postura intelectual.

É verdade que o Sr. O. G. Rego padecia de mal incurável: uma espécie de transtorno no processo de associação de idéias que o desligava da realidade. São, certamente, distâncias de atetividade, uma crise que demônio precoce. Talvez por isso, ele se sentha animado a investir contra mim, apontando-me como uma das razões da sua violenta digressão com o meio em que sempre vivi e ao qual jamais consegui adaptar-se. Isto - não tenho dúvida - por força e razão da enfermidade.

Não sei por que, em momento de lucidez, o Sr. O. G. Rego não faz uma pausa para pensar um pouco nele mesmo: na sua vida, no seu destino de homem só, condenado a viver uma vida irreal, deformada, cheia de visões que o torturam e o alienam.

Francamente, não me ocorre que algum dia, em algum lugar, eu haja ofendido esse moço, a não ser que ele tenha tornado como insulto a corrigenda geral que fiz, pela imprensa dessa capital, de seu primeiro livro: "Ulysses Entre o Amor e a Morte", publicado, na sua primeira edição, com erros e imperfeições de toda espécie.

Penso que ele me fosse grato por esse serviço gratuito que lhe prestei e que tanto serviu para melhorar o aspecto gramatical da edição definitiva do livro. Mas ele é o homem que é, e não creio em que a ciência médica possa devolver-lhe, em definitivo, sua saúde mental. Ele terá sempre instante de lucidez, seguidos de depressões nervosas, de alucinações.

Isto explicado, e para desfazer o insulto gratuito do Sr. O. G. Rego, transcrevo, abaixo, declarações feitas a meu respeito, na página 121, do livro "O Admirável Pedro Brin", pelo professor José de Arimatéia Tito Filho, mestre ilustre do nosso magistério, jornalista e escritor consagrado, pensador, e quem, por sinal, atribui a criação dos dois outros livros do Sr. O. G. Rego. Faço tal afirmação porque acho muita semelhança entre Tito Filho e o professor de matemática do célebre conto de Machado de Assis. Como a personagem do conto, o professor Tito Filho tem, também, em nossa cidade, serviço de agulha a muita linha ordinária.

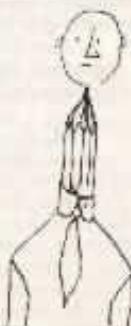
Eis as declarações do professor Tito Filho:

A popularização do professor em Teresina, achamos seu inicio o padre Joaquim Nonato Gomes, nos anos de 1932, no velho Colégio Diocesano. O sacerdote gostava de seus alunos. Conquistava-os pela simplicidade das atitudes e dos métodos suaves da ensinanza de português. Não nos lembramos, nos anos antigos, de outros do mesmo nome. Depois Valdemar Sandes faz do magistério uma atração, a serviço da aprendizagem da língua pátria. Um amuleto raro de amizade aos discípulos. E saídos o português expositivo tem no Piauí raros professores como ele. Seguro nos princípios didáticos. Nunca trahiu os discípulos."

Estes conceitos, em torno de mim e do meu magistério, que tanto me sensibilizaram, foram feitos por um homem de bem, um cidadão decente, um professor emérito, um piaciense dos mais ilustres. F São, para mim, o que vale, o que pesa, o que soma.

No mais, deixemos que a caravana passe e ladrem os cães nas portas das casas.

VALDEMAR SANDES



GERAIS



TORQUATO: POETAMANTE DAS VEREDAS TUPINIQUINS



“É preciso que haja alguma coisa/ alimentando meu povo;/ uma vontade;/ uma certeza;/ uma qualquer esperança./ É preciso que alguma coisa atraia/ a vida ou a morte;/ ou tudo será posto de lado/ e na procura da vida,/ a morte virá na frente/ e abrirá caminho./ É preciso que haja algum respeito;/ ao menos um esboço;/ ou a dignidade humana, se firmará/ a machadadas”.

Poemas de aviso final, de Torquato Neto - estrela cadente da poesia contemporânea, que a terra devolveu à constelação. Torquato, um dos primeiros poetas a assumir a postura de marginal e a jogar com o letargo, contese o grito das navelucas que perseguiam rasantes as origens dos ninhos das

áreas tupiniquins. Esse silêncio medonho foi provocado pelo morder, a qual ele não teve o poder de agarrar, há dez anos passados debaixo da ponte, no dia 10 de novembro de 1972.

E quantos anos estão sendo desaguados sob as pontes de uma geração future intera, onde o coro dos contentes desafinou e dobrou os festejos da repressão e de outras dores do regime? Pode-se dizer que a alegria tupiniquim permaneceu intacta na liberdade, paz e amor dos exilados. O homem precisa ter sua dignidade preservada, pura.

Torquato acreditava, também, que as flores pudessem chorar e molhar o chão com suas próprias lágrimas. Há de se ver coisas sorrindo para o poeta, cantador e meino romântico que veio ao Rio de Janeiro, M do Piauí, emitir sons nas suas palavras repetidas ao vento.

Fins dos anos sessenta - ele, mais Gil, Caetano, Capinam, Wally Salomão, Rogério Duprat, Gal Costa, Maria Bethânia, Mukulu, entre outros - iluminou o coração brasileiro, fez amor com a poesia e ajudou a partir o Tropicalismo, atualmente com seus 15 anos. Torquato teve uma poesia desmedida pela vereda tropical. Namorou loucamente a América Latina e manteve-se inconformista, underground, marginal.

Para ele, não interessava demudar o princípio e deixar que subminasses o princípio. Sua morte deixou o malor da crônica, é possível que a mesa do jantar osvaldiano, nas cenas da criação, ainda esteja posta para deglutar o novo, contestando os salões estabelecidos. É o horro exata para ouvir, mais uma vez, Gélia Geral, letra de Torquato e música de Gil, principal manifesto do tropicalismo.

“A verdade é que Torquato Neto precisa ainda ser estudado com mais seriedade”, diz Renard Kruehl, ensaísta paulistano, enunciando a poesia tropical vive entre nós, pelos ecos mágicos do poeta. Mito da esperança, cuja morte reclama o espírito andante, esteve sempre aquejantada pelos olhos aguçados dos conformistas. Torquato vive entre nós, e a sua inspiração sensibiliza estrelas de gôndola, descobertas em noites enluaradas de todos os cantos. Torquato: — receba este aceno!

Raul Christiano Sanchez, poeta paulista, autor de vários ensaios e livros.



UM ROTEIRO
DO PASSADO

É

lançado o segundo livro de Dagoberto Cervalho Jr., no momento em que o escritor é proposto à imortalidade da Academia Pernambucana de Letras. condição de hó-mu conquistada — pelo menos junto aos cearenses — não só por ele mas também por O. G. Rêgo de Carvalho (recentemente eleito na casa de Lucílio Freitas) e Expedito Rêgo, filhos como Dagoberto, da antiga capital do Piauí.

O livro, “Passeio a Olinda”, é um primor de descrição de ruas, becos, vielas e prédios históricos, bem como de tipos que ornaram a paisagem cultural ou mesmo a paisagem urbana da cidade, esta tão depredada ao longo do tempo, para tristeza de muitos. Trata-se de verdadeiro manancial de informações sobre a primeira capital do Estado, a partir da fundação do que viria a ser o primeiro templo regular do Piauí, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória, Catedral de Olinda, cujo duzentésimo quinquagésimo aniversário se comemora neste ano da graça de 1983. E fol em torno da velha igreja que a cidade nasceu, caracterizando-se, na feliz expressão do autor, como “portuguesamente brasileira”.

Pesquisador minucioso, percutiente, todos já sabíamos que Dagoberto é. O seu primeiro trabalho, “História Episcopal do Piauí”, recebeu o elogio de quantos se interessam nesta Estado pela pesquisa historiográfica. Também por se tratar de

abordagem primeira, em livro, da história religiosa do Piauí, que, segundo o memorialista ourense,

"... prende-se de tal modo à Matriz de Oeiras que de uma não se pode falar sem que da outra muito se diga".

Já neste "Passeio a Oeiras" o autor alla a qualidade ressaltada de grande pesquisador a uma prosa cheia de poesia, que ele faz passear, no que chama "roteiro histórico e sentimental da cidade" como guia atraente a detalhes históricos da cidade amada.

Aqui uma lembrança bem poética: "... a sombra vaidosa de

Valdir de Pedro Velho carregando reverente a pesada umbrela de rendas de ouro. Sob essas amadas ainda russaram seus passos e a voz gregoriana de vinte e tantos vigários que, um após outro, quanto incenso queimaram diante coisas eternas num latim arcaico que só as paredes, de tão velhas, entendiam. O que pesa mais Valdir? O ouro de tanto jingou ou o tempo secular dessa tradição que le prende devoto à Capela do Santíssimo?

Mais adiante o leitor atento se depara com a informação precisa sobre fatos históricos que marcaram sobremodo "a vida da povoação nascente" e, portanto, do que mais

tarde seria a capital da Província de São José do Piauí: "Na Carta Régia de 30 de junho de 1712 mandava El Rei ao Ouvidor Geral do Maranhão, que indo ao Piauí, até o lugar em que está a igreja, crie uma vila com Senado da Câmara e mais governanças". ... A instalação do Senado da Câmara tardou um pouco. Só veio em 26 de dezembro de 1717, com muitas festas e muita gente mandada do Maranhão.

O livro é um passeio, mas é sobretudo um presente de Dagoberto à sua guarda Oeiras de Nossa Senhora da Vitória.

Ferrer Freitas

PROJETO PIRAJA

MARIA ISMÉNIA
R. P. SANTOS

Em nossos dias vê-se acentuando a idéia de que a Escola deve voltar-se para a realidade que a cerca; deve conhecer os problemas locais, discuti-los e descobrir soluções, contribuindo, desse modo, com o desenvolvimento da região, da comunidade.

Deve também a Escola, sem prenheiros, integrar ao seu currículo os traços culturais da comunidade. Não se trata de abandonar a cultura geral, nacional, porém de iniciar o processo de ensino com atitude que é mais próximo do aluno, mais familiar, mais concreto. Trata-se, também, de valorizar e conservar a cultura local.

Desta forma, antes de se conhecer a História do Estado ou do País, conheça-se primeiro a do município, a do bairro; antes de se trabalhar com um vocabulário estrangeiro à criança, trabalhe-se inicialmente com um léxico que lhe seja próprio, com um código, um repertório lingüístico que seja comum a todos os habitantes da comunidade na qual a escola esteja inserida.

Discute-se, também, o envolvimento da comunidade com a Escola. A comunidade deve sentir-se responsável pela Escola e integrar-se às ações educacionais que ali se desenvolvem; devem colaborar com essa ação a fim de que o processo educacional seja de

fato um processo: que não permaneça na escola, mas que continue fora dela, na comunidade, criando-se, assim, uma profunda e dinâmica interação entre Escola e comunidade.

Com esse espírito, vem-se desenvolvendo, desde agosto, um projeto-piloto no Piraí, bairro da zona norte de Teresina, situado às margens do Parnaíba.

O Projeto Piraí, que segue a orientação da Secretaria de Cultura do MEC expressa na proposta "Interação entre Educação Básica e os Diferentes Contextos Culturais Existentes no País", é resultado das ações conjuntas da Secretaria de Cultura, Secretaria de Educação e Universidade Federal do Piauí.

Os objetivos do Projeto atingem as três Áreas de Ensino: Estudos Sociais, Ciências e Comunicação e Expressão e, para desenvolvê-los foram criados três grupos de trabalho, constituídos de professores das unidades escolares e coordenados por uma equipe, formada por representantes das três unidades envolvidas no projeto.

Tendo como principal objetivo estudar a situação histórico-geográfica do bairro, o grupo de Estudos Sociais vem realizando pesquisas na área e entrevistas com moradores antigos. Os dados coletados estão sendo passados às crianças das duas unidades escolares do bairro (1) através de textos elaborados pela própria equipe, cumprindo assim

com um dos objetivos gerais do projeto: integrar a cultura local no currículo escolar.

O grupo de Ciências trabalha visando aos seguintes objetivos:

- Utilizar soluções da culinária tradicional na merenda escolar;

- Discutir os meios de melhor aproveitamento dos alimentos regionais;

- Conhecer a utilização e o valor científico da medicina caseira.

Os resultados desse trabalho, além de introduzidos no currículo escolar, serão divulgados à comunidade.

A equipe de Comunicação e Expressão vem desenvolvendo atividades com o objetivo de incorporar ao currículo das escolas as manifestações artísticas do bairro e o desempenho linguístico de seus habitantes.

Além dos objetivos já expressos pretende-se mobilizar a comunidade para discutir a problemática local, apresentar soluções e participar das ações educacionais.

Os trabalhos iniciais do Projeto estão voltados sobretudo para a escola, para a adaptação do currículo, mas almeja-se, pouco a pouco, engajar a comunidade para que ela possa e atuar efetivamente no processo educacional e a escola cumprir com a sua função de levar e transformar o meio em que está inserida, promovendo-se, desse modo, a integração entre escola e comunidade.

COENTRO





invista na sorte



LOTERIA DO ESTADO DO PIAUÍ

VOCÊ CONHECE
VOCÊ CONFIA

AV. MARANHÃO, N° 180 - FONE: 222-8573

POETAS DE ONTEM, HOJE CELSO PINHEIRO

Celso Pinheiro é, com justiça, um dos maiores poetas portugueses. Pertencendo embora ao Simbolismo, não encarna a dor apenas como filosofia, mas com uma sinceridade que sua poesia chega a ser confessional. Eis só o teor de uns melhores versos.
Nasceu em Burnas (1887), vindo a falecer aqui em Tenerife, em 1950.
Publicou "Aveas Irmãs" juntamente com Alívio Chaves e Zé Barata, 1907; "Flor Incógnita", 1912, e "Poesias", 1939.
Pertenceu à Academia Portuguesa de Letras. (L. G. Rego de Carvalho)

FRACO, TREMENDO E SILENCIOSO INCALMA

Fracô, tremendo de prudosa incalma,
Que me contagia em prece e orgâismo.
E a alma sente o meu frio
Na extrema consciência de morte nova.

E m. a prece da fuma, de incalma,
Na eterna terra do meu Euclides,
Acalma, meu chão misticismo,
Ao sol das noites misticismos calma.

Aí, a espécie: açoitado do desventurado!
Que temido das ameaças que temem
Palmeira no céu do sonho!

Boa, cada dia que cedo no sol, a calma
Só me ressaca os sorhos que produzem
O desventuro: quem é num instante...



Ilustração de Fernando Coletti

**POETAS
DE
ONTEM,
HOJE**

Carlo Pinto em é, com justiça, um dos nossos bons poetas pernambucanos embriado no Samba-Novo, não encravado a dor apática da filosofia, mas com tanta sinceridade, que seu poema chega a ser confessional. Lá vê o tema de seus melhores versos. Nasceu em Barna (1887), mudou a infância aqui, em Recife, em 1950 Pobuciou Antônio Júnior juntamente com Antônio Chaves e Zito Batista, 1907 "Flor Reconhecida", 1912 "Poesias", 1939 Pertençente à Academia Pernambucana de Letras D. G. Reis de Carvalho

FRASER, THE MUSEUM
OF NATURAL HISTORY

Посо, поганіше не піднімає. Поганіше
Сліз та сокище не дуже в організмі.
Він відібраний в тіло земної.
Не відібрані слизоми не відуть.

*Em - presta da firma, de sua exequitaria,
No encontro entre do meu Fazendeiro
e eu, fui, meu senhor relâmpago,
Assi - é daquela matinada e calma.*

*Alas, que sucederá con tu espíritu cuando
que mueras? Alas, que sucederá con tu alma
cuando te mueras? Alas, que sucederá...*

Basta cada enigma entre os filhos a cravar
Só me ressalva o que se faz de bom.
O desenho que é meu tesouro.



Illustration by Franklin Crotto



A MODERNA ILUMINAÇÃO DE TERESINA

A moderna iluminação que a Centrais Elétricas do Piauí S/A - CEPISA vem implantando em Teresina, a partir de março de 1979, ou seja, no Governo Lucídio Portela, é algo que muito envidasse os teresinenses que hoje podem afirmar, sem medo de contestação, que a "Cidade Verde" ostenta mais ouro (luz). É uma das cidades de melhor iluminação pública do País, sendo a Capital mais bem iluminada da Região. Ao lado de outras obras, da maior importância para o desenvolvimento de Teresina, a iluminação trouxe a vapor de gás e de mercurio, que a administração dinâmica do Engenheiro Carlos Alberto Soárez implantou em todas as avenidas de

acesso a bairros, prolongamentos das ruas centrais, laterais de praças e ruas principais dos bairros, muito representativa e contribui para tornar as ruas mais belas, mais claras e muito mais seguras, tanto para o tráfego de veículos como de pedestres.

Com avenidas e ruas bem iluminadas, desde o Pct. Velho ao Km 7 da BR 316 e da Margem do Rio Paráiba ao Itararé e Muro do Uruguai, destacamos o grande benefício que o Governo Lucídio Portela vem a proporcionar à população, destacando a importância da moderna iluminação para o deslocamento dos estudantes durante a noite, o que vem ocorrendo agora muito mais tranquilidade e segurança.



CENTRAIS ELÉTRICAS DO PIAUÍ S.A.



Albert Piaui